



**ULTIMO  
SORRISO  
DAS FERIAS**

*(Foto José Maria Salinas)*

**VIDA MUNDIAL**  
**ILUSTRADA**  
EMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

ANO VI - N.º 277  
12 DE SETEMBRO DE 1946  
PREÇO AVULSO 2\$00

# Psicologia do VERANEANTE

MANUEL MARTINHO

ESTES três meses em que, Sua Alteza o Verão, reinou, estão, praticamente passados.

Já um friozinho discreto, assoma, por vezes, à porta da noite. Vem das encruzilhadas, dos caminhos das serras, dos vales distantes e das planícies nostálgicas onde o sol amareleceu os trigos. O lisboeta, temeroso às correntes de ar, sempre constipado e fanhoso com as bruscas mudanças de temperatura, mal se acendem as luzes na cidade precau-se, agasalhando o peito e metendo, por debaixo do casaco o aconchego do colete de lã. Um dia destes uma chuvinha miúda, enervante, dessa poalha cinzenta que costuma entristecer o já carrancudo Dezembro cafu do céu, em pleno Verão. Pois o lisboeta não esteve com meias medidas e apareceu, na rua, de guarda-chuva, gabardine e manta ao pescoço. Evidentemente que isto foi uma graça de Sua Alteza o Verão, príncipe democrata, brincalhão, que gosta da leveza dos vestidos das senhoras e de ouvir praguejar os senhores gordos, com os untos derretidos. Em Lisboa, já se disse, exagera-se tudo. Quando chega o Inverno há pessoas que vêm para a rua exactamente como se houvesse inundações ou ribeiras nos passeios. Calçam botarras de couro, põem capas de capuz, chapéu de chuva e se não trazem pendurada ao pescoço uma bóia de salvação é porque não sabem, ao certo, onde elas se vendem.

Pois o Verão está no fim. Nunca brilhou no céu um sol, absolutamente doirado. Houve uns dias, na realidade, de calor insuportável, de fornalha. Os lisboetas, desgravatados, em mangas de camisa, secados, procuraram, por todos os lados refrescos e sombras amenas. Acabaram-se, nas esplanadas, todas as bebidas. O sorvete, o gelado, só por empenho — e o gelo chegou a ser só aviado por receita médica. Claro que toda a gente barafustou. Chegaram mesmo a querer fazer um abaixo assinado à Repartição Geral do Céu, para que abrandasse esse calor tropical. E, de facto, passados dias — o calor desapareceu, totalmente. O sol muito mais brandido, à tarde, desaparecia, para aparecer uma forte ventania, empurrada com desespero, que levava chapéus e os toldos das esplanadas. Ninguém sabe donde ele apareceu, assim de repente, com tal ímpeto, que arranca as folhas das árvores.

De modo que o lisboeta, à parte esses dias de intenso calor, não gozou o seu Verão. Se ia para a praia tinha que abalar cedo, tal a móvem de areia que lhe entrava nos olhos, mal chegava a tarde. Se ia para o campo era sabido: o vento zumbia com um furor de furacão que até lhe arrancava o apetite. De modo que, os veranetes, este ano, não tiveram graça nenhuma. Ninguém vai para fora para descansar, é sabido. Se não há um café, com bilhares, um pouco de má-lingua, um barbeiro conversador ou uma sociedade de pique-niques, a terra não presta.

Veranear — sobrepeço distrair. Há terreolas bonitas, com largos horizontes para espreitar os olhos, boa água da mina, enfim um aconchego no paisagem e no sossego bucólico do seu viver. Mas isso não chega. É preciso animação, foguetes, baillaficos para que, enfim, se goze. Depois o lisboeta não tolera já a Natureza, se não em bilhetes postais. Dois dias é novidade — mas depois, sempre a ver a mesma serra ou o mesmo riacho, as mesmas grãs que coxam ou os mesmos grilos que cantam nas silvas, acaba por sentir, à sua volta, a densa nostalgia. Lembra-se de Lisboa — do «talim-talim» dos eléctricos, da Rua do Ouro a trasbordar de gente, do prédio, cheio de janelas onde a vizinhança se debruça e, francamente, sente um desejo enorme de volta. Tem a impressão que se divorciou da vida — e que alguma coisa de precioso lhe roubaram no sangue. É a alma da cidade que lhe fala, em espírito. É o ruído, a seiva, a vida, o movimento, a luta, que chama, por ele, para o enrodilhar, novamente, nesta dança vertiginosa de «carrussels», que o acorrenta aos seus desígnios imprevisíveis...

É por isso que, naquela célebre frase, está sintetizada a admiração do lisboeta pela aldeia: «gosta de ter uma boa quinta, com uma porca para o Chiado». (Continua na pág. 9)

# Semana Portuguesa

## NOTAS E COMENTÁRIOS

**N**ESTE Verão incerto e fugidito, em que o sol e sua bendita luz parecem andar fugidos, e já ventos e chuvas recordam fins de Outono, o espectáculo dos cais das nossas estações ferroviárias é diárricamente espantoso. Além das «bichas» que, mal luziu o dia, vêm acaudar-se frente aos postigos das bilheteiras, enfernizando as paciências, os combolos desdobrados partem e chegam atulhados. Lá dentro não se quebram os ossos por milagre, tamanho é o aperto. A ordem no respeito dos lugares desapareceu. O atropelamento é de apavorar, agravado por esta verdadeira mania portuguesa de não abalar para parte alguma sem uma aluvião de cestos, embrulhos e do gato, além dos farnéis gordurentos que às tantas empastam o já pesado fartum do próximo, que no comum escassamente se lava.

O caso é que não havendo dinheiro e tendo subido as tarifas a alturas de respeito, este espectáculo das migrações de veraneio não acusa a menor alteração. O portuguezinho não se despenha de «ir a areia», ainda que seja nos fuliginosos tejadilhos das carruagens ou dependurado nos estribos, ou às grades dos varandins de acesso aos vagões.

O material de transporte de passageiros já escasso, porque não se renova há muito nas devidas proporções (ainda se salva o que recebemos em reparações da Alemanha na outra guerra), cede ao peso brutal das multidões, e tem de entrar em reparos. Entretanto, o número de viajantes não diminui, aumenta. E pecha velha e irremediável. No Verão, em todos os tempos, a vida nacional interrompe-se. A política espasma-se. A economia fica à espera. O país tem apenas um ideal: pôr-se ao fresco. E quando se pergunta onde está Portugal neste momento, a resposta é só uma: está a banhos ou foi à quinta comer peras, à falta de outra coisa de maior sustância.

**D**E lés-a-lés um clamor unânime sobredomina todos os movimentos de opinião que ainda possam existir no país: o protesto colectivo de uma população roubada pelo que, a não usar-se o nome próprio, passou a ser chamado *mercado negro*, de certo para que a ladroeira, numa época de rótulos, disticos e charizes de publicidade, passasse a ter também sua alcunha de combate ou nome de guerra.

Vem o desaforo a tomar ossos de cada vez maiores, já desde que, antes da maldita guerra, apareceram por aí cartéis monopolistas organizados, carregando de taxas e alcavalas o preço dos géneros de consumo, em manobras à sombra ou à margem da lei. A crise económica provocada pelo conflito mundial trouxe consigo com semelhantes exemplos, as condições propícias à especulação.

O governo interveio enérgica e prontamente, organizando a fiscalização repressiva, sob a já experimentada direcção do sr. capitão Silva Pais. Milhões de bôcas, mais que milhões de olhos, esperam que ela atinja sem piedade os açambarcadores e os especuladores, faça recuar tal horda para os seus fijos ou para as penitenciárias, e traga ao consumo público o indispensável para a alimentação — atacando o mal na sua origem, o preço da produção ou do custo, e, no seu efeito, as especulações

de lucros absurdos na revenda, e fornecendo, dentro das capitações de cada um, as mesas domésticas.

A margem do comércio e da indústria regular, uma nuvem de pseudo-mercantes cafu sobre as cidades, vilas e aldeias. Negocia-se, oferece-se tudo, nos cafés e nas ruas, em voz alta e em voz baixa. Menos nos lugares próprios.

O governo tem o apoio do país inteiro, e, mais do que isso, um mandato expresso, especial e imperativo para que vá até onde for preciso ir.

**T**ERMINOU a Volta a Portugal, competição de ciclistas lançados através das províncias em turmas. O nome do vencedor, José Martins, da «Iluminante», é hoje proferido no país. O de Raul de Oliveira, organizador da corrida, que há anos o «Diário de Notícias» promoveu e patrocinou, e agora se reatou, está já consagrado.

Pão e circo se aconselhava em Roma como meio de satisfazer o povo. Sem desmerecer em nada o valor desportivo de empreendimentos desta espécie, é de notar como eles, neste momento, fazem esquecer no espírito público, por distração, outros cuidados de maior afiliação; e é de recordar esses rapazes que sem garantias materiais compensadoras, se atreveram aos riscos dos cansaços e esfalfamentos físicos pedalando por montes e vales, atrás de um prémio e das ovações da multidão que os aguarda no Estádio Nacional, homenageando as masculinidades tífias da raça... Pois está provado que em Portugal sem uma homenagem quinzenal a qualquer acto ou pessoa, não se vive. Nestas coisas, não fomos nem somos, com efeito, como dizia o estribilho do cartaz, um país pequeno.

**F**ORAM publicadas as contas da Gerência do Estado. Mais que o do Orçamento, o seu relatório é sempre lido com a maior atenção, porque nele se contém através das explicações justificativas do relatório oficial os resultados da administração financeira e económica da gerência. Quanto à primeira mantém-se as regras de equilíbrio que salutarmente se traduz, mais uma vez, num saldo positivo. Quanto à segunda, o relatório apresenta dois aspectos tão importantes como graves da crise que atravessamos: o da alta dos preços que arrasta a inflação fiduciária e rebate no valor do escudo, e o da quebra do nosso comércio externo, que já nas contas de 1945 provocara inquietações do Estado ante os efeitos da «queda vertical» sofrida nas tonelagens. Ligeiras atenuações diminuíram durante a gerência esta última perspectiva do nosso isolamento funesto dos grandes merca-

dos mundiais. Há a rever toda a máquina de uma organização económica e acertá-la, para que passe a reatar o ritmo das nossas importações e exportações. No seu discurso de Abril de 1941, o chefe do Governo relembrou o tempo que somos um país pobre de recursos e repetiu a verdade de que sem intensas relações mercantis com o estrangeiro, a vida económica nacional não pode resistir, porque não nos bastamos a nós próprios. Seria como viver bloqueado. Quanto à alta dos preços, o relatório reconhece que «o poder de compra disponível continua a pesar sobre os preços», e que a não ser vendida a crise, «não poderá evitar-se que se diluam valores de capital em actos de consumo e se percam possibilidades de ressurgimento da nossa economia». Nunca é inoportuno dizer ao país toda a verdade, por mais crua que seja, e que ele, aliás, presente nos sofrimentos que padec...

**S**UA Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, de novo se encontra no Brasil, a convite do Cardeal-Arcebispo de S. Paulo, para a inauguração da Universidade católica desse Estado, tendo o governo do país irmão considerado seu hóspede o ilustre antepassado.

A presença do prelado português é sempre um acontecimento notável no Brasil. Na sua personalidade as altas esferas intelectuais não vêem apenas a dignidade eclesiástica, mas o professoro distintíssimo que o doutor Gonçalves Cerejeira foi na Faculdade de Letras de Coimbra, o escritor de apurada pena que nunca deixou de ser. Os ecos da sua recepção na Academia Brasileira, que o saudou pela voz de Afrânio Peixoto, numa oração primorosa, ainda não se apagaram.

A visita do Cardeal de Lisboa será, pois, motivo de um estreitamento das relações culturais luso-brasileiras, apoiado sobre identidades espirituais que o tornarão mais forte.

**E**M geral, os relatórios oficiais não têm leitores, ao menos abundantes. E é pena. Eles inserem muitas vezes preciosos elementos de informação que permitem tirar conclusões úteis — quando o refofo das palavras não abafa as ideias, o que também acontece, desde tempos imemorais.

Digno de ser lido e meditado é, por exemplo, o que o sr. ministro das Colónias, dr. Marcelo Caetano, com uma precisão de exposição que é sinal da clareza da sua inteligência, acaba de escrever sobre a cultura do algodão colonial, como introdutório do decreto recém-publicado.

Há quarenta anos a admirável visão de um excepcional governador de An-

gola, Paiva Couceiro, clamava pela intensificação da produção algodoeira nessa província ultramarina. Ele previa com acerto que deveríamos entrar com os nossos algodões nos grandes mercados internacionais dentro de vinte anos. Foi bradar no deserto.

O consumo actual, que tende a aumentar — diz o ministro das Colónias — é de 32 mil toneladas, e Angola e Moçambique não produzem esse montante. Largas medidas de protecção (nas quais sobressai a das isenções fiscais) são prolongadas por mais cinco anos, para estímulo a que se queiram zonas de concessão destinadas à agricultura e à indústria de preparação e tecidos no ultramar. Já se assistiu a aventuras de plantações, à sombra de financiamentos bancários, as quais, à falta, ainda hoje clamorosa, do crédito de fomento, terminaram em completa ruína. O nosso industrial textil, esse, ainda não se decidiu a ir buscar a riqueza às colónias. Oxalá uma iniciativa em curso chegue a realizações positivas, mas sem demora.

É que, em Angola e Moçambique, os calceiros viajantes estrangeiros chegam mais depressa aos mercados e ao indígena, com as suas ofertas. E a culpa de perdermos uns e outros em poucos anos, nas nossas colónias, não será atribuível nem aos governos nem à ausência de bons avisos, mas ao egoísmo e à inteligência das empresas.



TRÊS SEREIAS MODERNAS, TRÊS MULHERES BONITAS, TRÊS LINDOS SORRISOS... QUE INVEJA DEVER TER AS ONDAS!

## A ÚLTIMA NOVIDADE!

Aquí têm o modelo de receptor de Rádio que se pode levar, conosco, durante os nossos passeios!

Este modelo, que está a ser fabricado em Londres, é tão portátil como uma máquina fotográfica!

(Foto distribuída pela Agência «UPI»)

## MELODIA DE AMOR...

Esta fotografia não representa, como poderia julgar-se à primeira vista, uma mãe amiga do seu filho, ensinando-o a tocar viola. Não. Trata-se de uma recém-casada que toca para o seu marido a serenata da lua de mel.

Ele tem 18 anos, e ela já fez 40. O primeiro casamento desta senhora deixou-lhe três filhos, todos mais velhos do que o padrasto. A senhora Hall declarou que tenciona dar ao marido toda a autoridade sobre os seus três filhos, que além de mais velhos, ocupam na marinha postos superiores aos do padrasto, que é um simples cartijo...





A alegria dos rapazes de Albarraque é manifesta

A «Cidade dos Rapazes» ocupa uma grande área de terreno que um homem, o padre Agostinho Mota, destinou aos órfãos seus protegidos da freguezia de Santa Isabel.

Três anos são passados e a secção masculina do Orfanato-Escola Santa Isabel, em Albarraque, é considerada cidade-modelo.

Não acreditam?

Os portões estão sempre abertos à curiosidade pública. Vale a pena entrar, espreitar a obra ali erigida por outro homem: Alvaro Augusto Vilela.

Se um lançou a primeira pedra, o outro cimentou-a de grandiosidade. A velha casa, porém, eleva-se como padrão entre cerca de trinta novos edifícios, e um canteiro ajardinado ácuza uma lápida perpetuando o nome do fundador.

#### EM QUE SE OCUPAM OS HABITANTES DA «CIDADE»

Manhã cedo ecoa pelas redondezas o toque de alvorada. Quatro pequenos cornetins de bibes de riscado, quadri-

culado a azul e branco põem a pé uma cidade inteira... a sua «cidade» e muitas das aldeias vizinhas que se espreguiçam pelo sopé da Serra de Sintra.

Sem alvoroço, e em formaturas, a população dirige-se para a capela e depois para o refeitório... que o clarim já chamou para o café com leite e pão.

O dia decorre na melhor ordem, integrando-se cada um nos vários afazeres: uns são barbeiros, outros agricultores, jardineiros, ajudantes de secretaria, de cozinha, de farmácia, ou monitores nas aulas. Há guardadores de rebanhos, tratadores de gado, de criação, dos currais, e até bombeiros.

Não é difícil aperfeiçoar uma especialidade numa terra onde todos têm os olhos bem espertos e onde cada um se julga um pequeno rei! Denuncia-o o aspecto sadio dos garotos, a personalidade que se adivinha em cada um. Afirmam-no os processos modernos da educação ministrada: no lugar dos austeros professores de outrora, senhoras novas, sorridentes, benévolas. Como vigilantes e criadas, raparigas louças,

asseadas, nas suas batas brancas ou azues, consoante os cargos.

Finalmente, os afazeres dos internos não são pesados e o pinheiral que ladeia a «Cidade», seu repouso predilecto, é fonte de saúde e optimismo.

Os mais velhos, se encontram emprego fora, saem, deixando uma saudade naquele chão amigo. Mais preferem ficar, e poucos são os que arredaram pé do seu «lar».

A nós, que logo de início, noutra reportagem, baptizámos a secção de «Cidade dos Rapazes», apraz-nos vê-la progredir no ritmo acelerado, cem por cento americano. Os bebés de então são hoje os homens fortes que ajudam os pedreiros, os carpinteiros, pintores e outros artífices a construir o sonho de uma alma.

Alvaro Vilela concebeu para eles farda apropriada: macaco de ganga azul, impecável. Como os outros operários, têm o seu salário, com que contribuem para o seu sustento. Vida independente, mas ficam. Ali estão enraizados pelo coração!

O director do Orfanato é também

director do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa. Muitos dos seus pupilos encontraram emprego junto do grande amigo. Conforme as suas aptidões, uns são escriturários, outros «grooms».

#### UMA CIDADE SIM, NÃO UMA ALDEIA

As vezes, em notícias sobre o Orfanato, sai: a «Aldeia dos Rapazes».

Nós mantemos que é uma cidade, uma cidade miniatura, mas tão completa como o desejariam ser muitas cidades autênticas.

Pois onde há aldeia que alinhe os seus edifícios em amplas avenidas: Avenida Agostinho Mota, Avenida José Fernandes, etc., com as suas ruas transversais perfeitamente delinheadas, mostrando em cada esquina, em placas de azulejo, o seu nome: Rua da Paz, da Esperança, dos Bons Amigos, da Fé, Rua de Gil Vicente e outras?

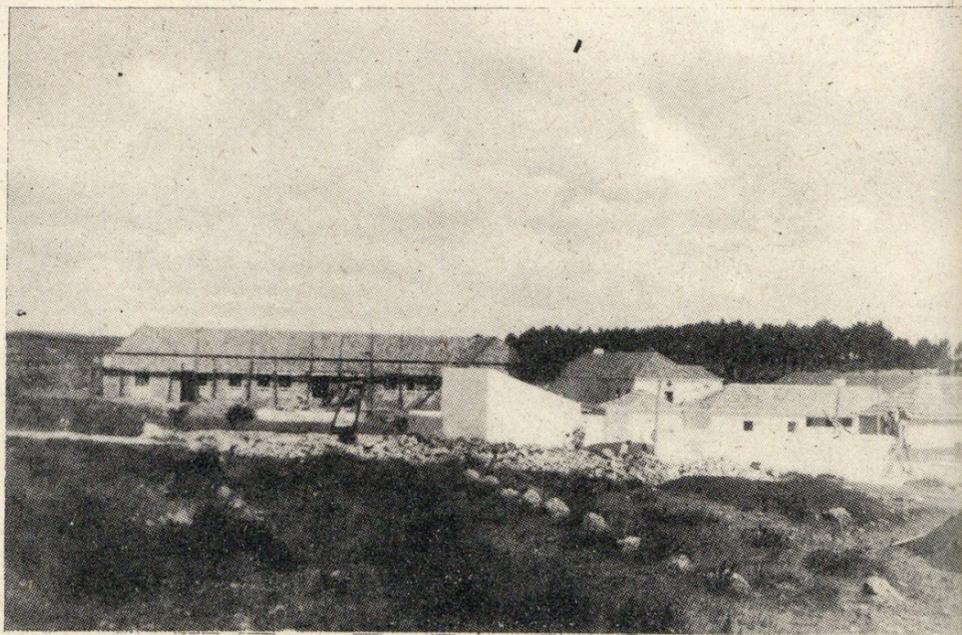
Onde há aldeia que possua instalações como a enfermaria, melhor que muitas da capital; o consultório médico, com dois assistentes: os drs. Freire e Américo dos Santos; o serviço de incêndios, onde há carros, fardas e o necessário; a escola primária, que comporta ainda alunos externos; o ginásio-teatro com lugares para trezentos espectadores, a igreja do Sagrado Coração de Jesus, de grande imponência; a capelinha de Nossa Senhora de Fátima.

Mas há muito mais: os edifícios do «Refeitório dos Nossos Irmãos», que dá sopa aos pobres da rua, e o estábulo, sópia aperfeiçoada da Escola Pecuária de Santarém, com tetos a céu, painéis de azulejos e argolas de metal pulido.

O balneário, o lava-pés, o recreio



A entrada principal da «Cidade dos Rapazes», vendo-se uma placa à memória do fundador, Padre Agostinho da Mota



Uma vista de novos pavilhões em construção

# NÓS TEMOS A CIDADE DOS RAPAZES

com galerias-abrigos e, finalmente, o grande armazém de mercearias, quase elegante com as bancadas de mármore, os revestimentos de azulejos e as lanterninhas forjadas? Há ali rimas de tudo: de caixas de sabão, de loiças de esmalte, de tulhas a trasbordar, de conservas, carnes fumadas e peixe seco, reforços da carne e do peixe fresco que nunca faltam.

Organização! E esta palavra basta para classificar tudo quanto ali se nos apresenta. As placas de azulejo com indicações preciosas repetem-se por todo o lado, como por exemplo: «Um lugar para cada coisa. Cada coisa em seu lugar».

Mas não fica por aqui a série de edificações: a secretaria é um edifício modelar; a casa dos caseiros, uma moradia muito apreciável que não desdenhariamos, e cada porteiro vive em sua habitação independente. Se até o «Serrano», o «Fiel» e os companheiros

possuem casotas de pedra e cal, estilo português, com placas de azulejos...

O corte dos suínos representa a última palavra em «apartements» desse género; as capoeiras são quase um jardim, as piscinas, os lavadouros da roupa, a barbearia, a casa das luzes e tantos outros prédios, são propositadamente construídos para cada aplicação. Neste aglomerado vem trabalhando desde há dez anos muitos operários do sítio e arredores — obra de bem para a própria terra — orientação extraordinária duma vontade incomensurável que não conhece obstáculos.

Alvaro Vilela está sempre presente, dia a dia, hora a hora. Os seus momentos livres e até as suas férias ali são consumidos por prazer.

Esta sua frase define todo o seu sonho:

— «A minha vida está presa a isto!».

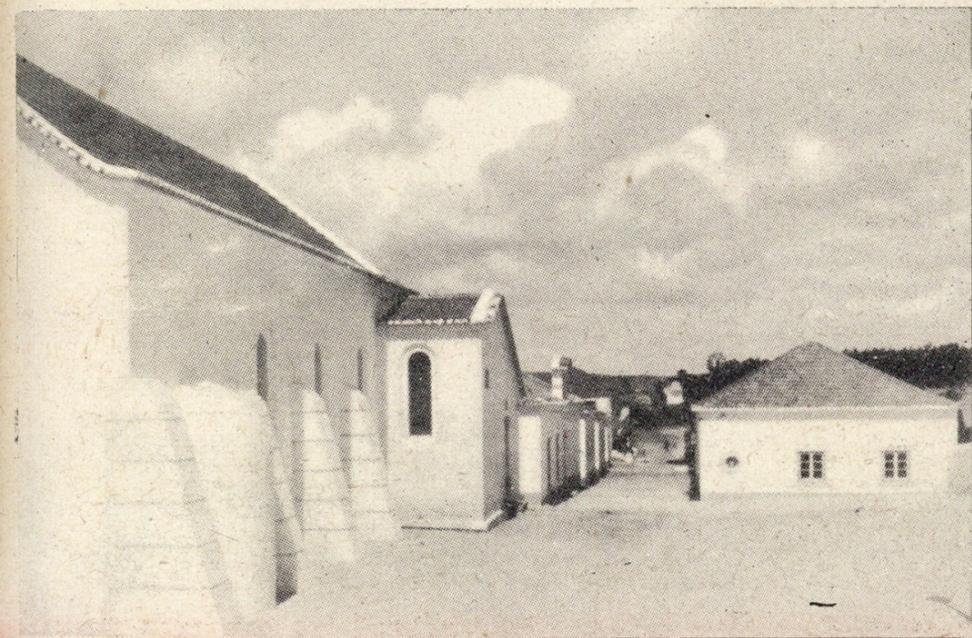
JUDITE MAGGIOLLY



Este cruzeiro marca o início da «Cidade dos Rapazes»



Alvaro Vilela, director e alma da «Cidade dos Rapazes», é surpreendido pela objectiva de Serra Ribeiro



Uma vista da «Cidade»



Os rapazes fazem todos os trabalhos...



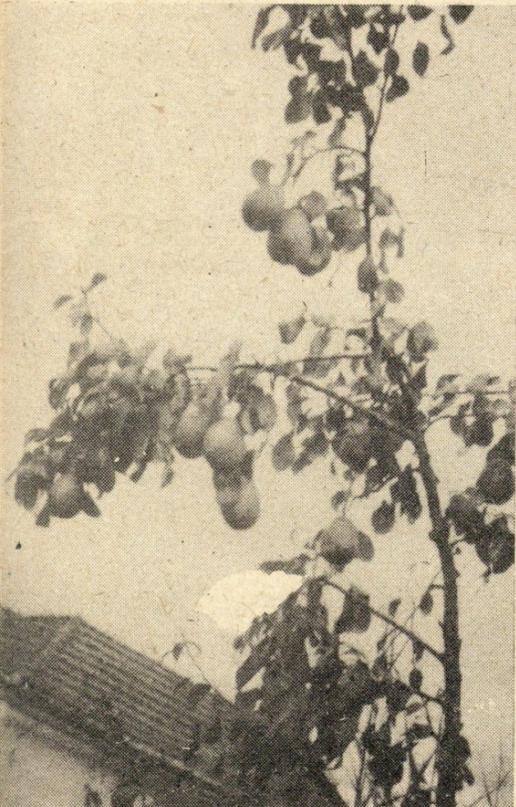


Bons amigos... (Foto Augusto Pereira da Silva e Sousa — Coimbra)

## FOTOGRAFIAS dos nossos leitores

CORRESPONDENDO ao nosso pedido, vários leitores nos estão enviando fotografias feitas com as suas máquinas, e nas quais cada um focou aspectos ou acontecimentos que mais interessaram à sua sensibilidade.

Damos hoje algumas dessas fotos, com os nossos agradecimentos aos seus autores.



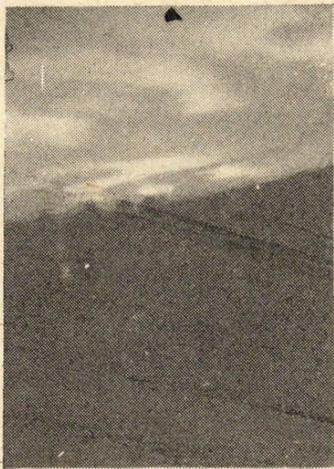
Fruto saboroso...

(Foto Augusto Pereira da Silva e Sousa — Coimbra)

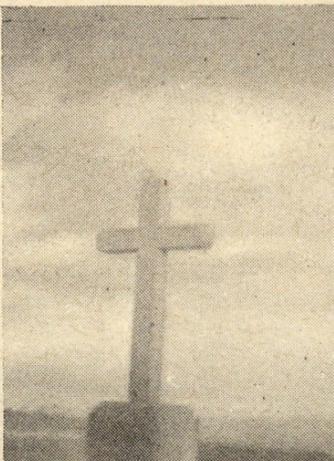


Uma veraneante de Espinho...

(Foto Alberto Alão — Porto)



Quando o sol entra no ocaso...



Cruzeiro à entrada da aldeia de Carvalho



Toda a Beira tem cenas como esta...



Sabe bem descansar uns momentos, depois duma escalada na Serra da Estrela.

(Fotos Jerónimo Santos-Covilhã)

# Enigma

Orientado por Leiria Dias

## II TORNEIO

PROBLEMA N.º 5 (17)

### A MORTE DO INDUSTRIAL

Por PHILLO VANCE

**H**AVIA passado um ano sobre a morte do grande capitalista e industrial de lanifícios, Carlos Pinheiro.

Todos os jornais tinham, em extensas colunas, relatado o seu falecimento, que ocorrera precisamente na noite em que durante uma hora tinha falado acerca de assuntos que diziam respeito à sua profissão, num congresso em que tomava parte.

Alguns dias antes do seu falecimento tinha tido um acidente na escada da sua residência, que lhe tinha ocasionado partir um braço.

Na esplanada dum café, enquanto o Inspector lia um dos jornais da tarde, ouvira numa mesa ao lado da sua, falar-se daquela morte como tendo tido qualquer coisa de misterioso a que se não tinha ligado a importância devida. Apurou o ouvido, e escutou durante algum tempo certos pormenores que desconhecia. Levantou-se, procurou a morada do industrial na lista dos telefones, e dirigiu-se ali, a fim de procurar seu filho, o actual sucessor do pai na direcção de inúmeras fábricas.

Antigo desenhador distinto, era ele quem desenhava os padrões dos vários tecidos que fabricavam.

Como este não estivesse em casa, e o criado dissesse que não se demorava e se quisesse poderia esperar, foi ouvindo o criado, que acerca da morte disse:

— «Após o discurso que fizera, o patrão tinha regressado a casa visivelmente fatigado, e notava-se que vinha aborrecido. Foi para o seu quarto, não tendo querido jantar e dizendo que não queria receber ninguém. Passado pouco tempo chegou o filho, o senhor Eduardo, que disse desejar falar com o pai. Como lhe dissesse que o patrão não queria receber ninguém, disse «que estava bem», e retirou-se... Foi para o escritório e lá esteve longo tempo. Passadas talvez uma ou duas horas, ouviu-se uma detonação. Foi o tempo necessário para percorrer o longo corredor, e encontrei-me à porta do quarto com o sr. Eduardo, que já vinha a sair, dando-me a triste notícia que o pai se tinha suicidado, e que ia telefonar ao médico. Entrei no aposento e fui encontrar o patrão estendido de bruços no chão, correndo-lhe um fio de sangue do lado direito da testa, sangue que fiz estancar com uma compressa e um lenço. Apanhei do chão a pistola de que se servira, e conforme me foi possível fui deitá-lo sobre a cama».

— «Não suspeitou da atitude do seu amo, com tal procedimento?» — inquiriu o Inspector.

— «Ora, ora, meu caro senhor. Coisas do diabo!... Negócios... dinheiros!».

O Inspector ouvia interessado, raciocinando ao mesmo tempo.

Tendo chegado nesse momento o filho da vítima, o Inspector disse-lhe ao que vinha, e não foi sem comoção que aquele se prontificou a dar os informes que lhe fossem pedidos.

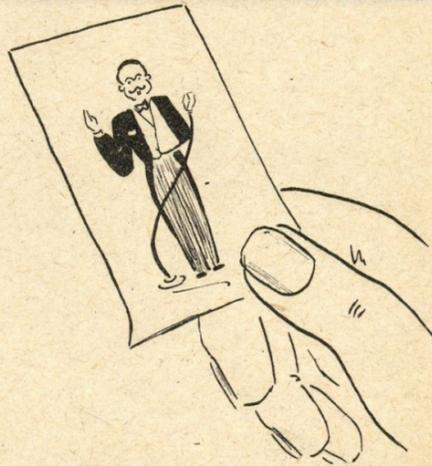
O Inspector depois de lhe ter dado a conhecer as declarações que o criado havia feito, perguntou-lhe se ele sabia mais algum pormenor.

— Não, senhor Inspector. Nada mais sei. Está tudo exacto.

— Mas, se bem me recordo — diz o Inspector — seu pai tinha tido um acidente e fracturara o braço direito!

— Não, meu caro senhor. Foi o esquerdo. Recordo-me bem.

— Tem alguma prova disso?  
Depois de pensar alguns momentos, Eduardo disse: — «Talvez! Devo ter



ainda um desenho que fiz precisamente na tarde do falecimento, enquanto ele discursava. Vou procurá-lo, e dentro de 10 minutos posso trazê-lo. Queira aguardar um momento».

Eduardo safu da sala, e passado o tempo que dissera trazia uma caricatura do pai discursando ao microfone.

— Aqui está, sr. Inspector. Eu bem tinha a certeza de que a tinha guardado. São sempre recordações, e esta para mim bem valiosa. Foi o meu último desenho neste género. Como vê, sempre era o braço esquerdo o fracturado. Eu tinha a certeza!!

O Inspector, depois de ter visto o desenho, interrogou novamente o criado:

— Onde estava a pistola quando a apanhou?

— Junto da porta do corredor, a dois metros aproximadamente dos pés de meu amo.

— Porque a apanhou e não a deixou ficar onde estava?

— Foi-lo naturalmente!

— E não pensou que esse gesto podia comprometé-lo, visto que lá ficavam marcadas as impressões digitais?

— Mas... senhor Inspector! Juro-lhe que estou inocente!! Pode acreditar-me!

Pergunta-se:

A que conclusões chegou o Inspector?

E você, colega amigo?

As respostas devem ser enviadas até ao dia 26 de Setembro corrente, nem mais um dia.

#### CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS

**Equipa «Colonial»** — Alberto de Oliveira, Elviro, Jocati, Pita de Vasconcelos e Zé da Ana.

Esclarecemos que dado o caso de algum elemento duma equipa não concorrer, será oportunamente substituído por outro, até à publicação dos resultados do problema n.º 1 do torneio, o que faremos já no próximo número.

#### POSTA RESTANTE

**Filipe José da Silva** — Recebi o problema mas... brevemente lhe escreverei sobre o assunto.

**Sete de Espadas** — Julgo que se refere aos problemas do I Torneio, e esclareço-o que eram todos da minha autoria. Quanto à pontuação não me parece necessário o que alvitra.

**Artur Varatojo** — Concordo com o que diz quanto às perguntas finais, e vou seguir o seu conselho. Um abraço.

**Emeêsse** — Magnífica a sua resposta ao problema n.º 1. Folgo em o receber nesta secção, e espero a sua estreia como autor.

**Agente Koka Tudo** — Agradeço as suas palavras amigáveis. Pode saber-se qual era o seu outro pseudónimo?!

**Adolfo Lima** — A classificação das equipas faz-se exactamente como o colega exemplifica.

**All-Round Detective** — Não acertei então?! Mas Alves é, ou também não?! Cumprimentos.

**Juvenal de Oliveira** — Transmito as suas felicitações aos premiados do I Torneio, especialmente ao vencedor, o colega **Rocamble**, grande amigo desta secção.

**Zéquinhas** — É, de facto, como diz, convindo, no entanto, ver sempre bem, para que não falhe qualquer pormenor.

**Mac-Pal** — Não estão mal feitas as suas considerações, mas em problemas não se pode ser tão minucioso.

APA  
1935



UM PERFUME MODERNO

# POR NOSSAS DAMAS!

**R**ECORDAR é balda de velhos. Porquê? Não sabemos. Talvez porque Júlio Danças afirmou que «recordar é viver», e nós queiramos, assim, passar a nós mesmos uma certidão de vida.

Ora bem. Há uns quinze anos ou mais, desciamos nós o Chiado à hora requintada das seis da tarde. Na nossa frente caminhava um sujeito de idade ao lado duma linda rapariga. Gente séria no porte e no trajar. Pelas alturas da Marques, um janota de esquina disse, a meia voz, em guisa de «piropo», e visando a pequena, uma obscenidade de calibre; uma frase soez que nenhum arreeiro ousaria pronunciar.

O sujeito de idade, em voz alta, lamentou:

— Pulha! Mas, se uma pessoa dá dois murros num malandro destes, vai preso e ainda tem que pagar uns centos de escudos que fazem falta para o pão de cada dia!...

No dia seguinte escrevemos na secção «Água vai...», que mantinhamos num jornal da situação, uma crónica sob o título: «A estalária». Nessa crónica apelávamos para todos os que, por acaso ou dever, têm de acompanhar senhoras e atravessar com elas as artérias elegantes da cidade. O nosso apelo consistia em lembrar a fundação duma sociedade por quotas, à semelhança das «Funerárias» que no país existem e garantem ao associado ir para a cova sem ficar a dever ao cangalheiro. A nossa «Estalária» garantiria ao sócio o pagamento imediato da multa quando duas arrojadas bem merecidas ou um par sonoro de estalos tivessem sublinhado qualquer gricola imunda desses janotas de esquina.

O jornal saía à tarde. No dia seguinte, seriam onze da manhã, procurava-nos na redacção o director da policia, o nosso velho companheiro de cavaco, Ferreira do Amaral.

**APRENDA RÁDIO**

POR CORRESPONDENCIA, PEÇA FOLHETOS GRÁTIS



**ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO**

A. DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 - DÓRTO

Vimo-lo entrar, pálido como sempre, como um convalescente de biliose, e avançar para a nossa secretária. Vinha a rir, o que era bom sinal.

Um aperto de mão, e nós perguntámos:

- Então o que há?
- É por causa da crónica...
- Tenho de pagar para a Mitra?
- Não, homem. Venho pedir-te uma coisa. Se a idela der resultado, quero ser inscrito como sócio número 1, visto tu seres o presidente vitalício...

Ferreira do Amaral ainda viveu uns anos. A «Estalária» não se fez, e, por isso, s'm, talvez por isso, ainda ontem ao descermos o Chiado ouvimos uma tremenda grosseria dirigida a duas senhoras, que passavam pouco mais ou menos pela altura onde anos atrás ouvimos o senhor de idade protestar contra as pelas económicas que paralisam aquele gesto tão nobre, tão digno, tão necessário, tão legítimo e tão português de dar dois estalos num malcriado que insulta uma mulher.

Há por aí alguém que queira ressuscitar e levar a efeito a ideia da fundação da «Estalária»?

Cada dia está sendo mais precisa, acreditem.

Recebem-se adesões.

CASTELO DE MORAIS

P. S. — O autor da crónica não tem mulher, nem irmãs, nem filhas. Não fosse alguém julgar...

## PSICOLOGIA DO VERANEANTE

(Continuação da pág. )

É que as cidades, o seu ar, a sua atmosfera, têm um cheiro característico, que é, por vezes, um ópio que amolece os sentidos.

A cidade recebe, agora, os últimos veraneantes, os que se deixaram ficar por lá, sem pressa de voltar. Arrumam-se as malas, dão-se os últimos beijos e abraços, que o combo já silva na estação.

Alguns, contentes, vêm com mais uns gramas na carcassa e outros criaram tecidos adiposos para encobrir a magreza dos ossos.

Tudo, aliás, se perde. A cidade ri-se deles. Acha graça que tragam nos rostos uns ares saídos e a tez queimada.

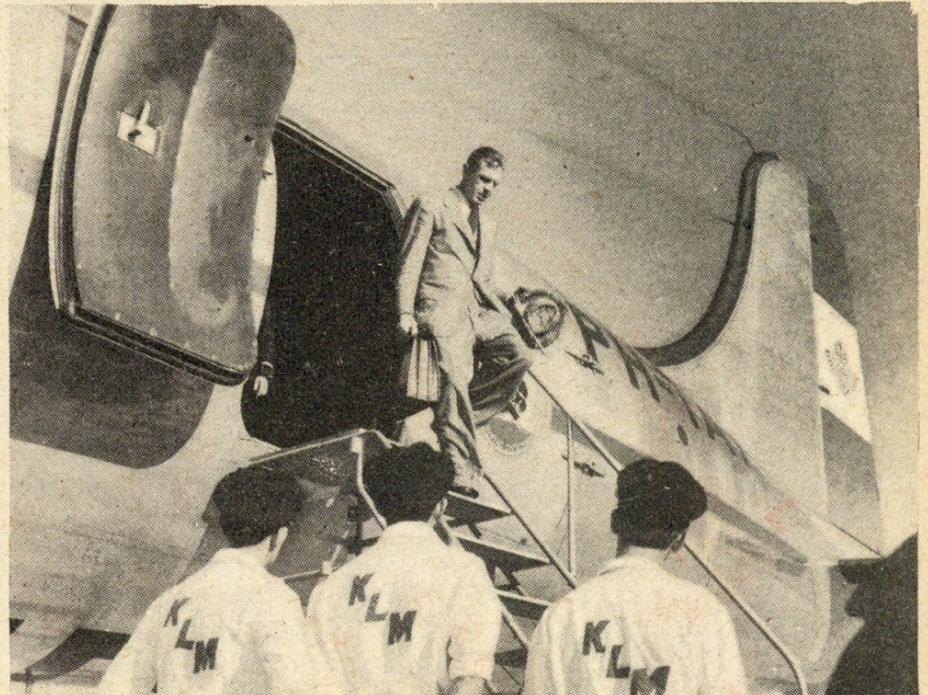
Para quê, afinal?

Basta que comecem a trabalhar nos terceiros andares infetidos de certos escritórios, cheios de telas de aranha, que viagem cinco vezes nos eléctricos, que se apoquentem com a falta de géneros, que apanhem uma gripe com a surpresa da chuva — e pronto: ficam na mesma. Magros, avelhados, doentes, derreados, macilentos, esperam, coitados, que chegue novamente o Verão para irem descansar.

E é assim a vida do homem...



No aeroporto da Portela de Sacavem: A tripulação do «Skymaster», da K.L.M., fotografada à partida de Lisboa para o segundo vôo especial da nova carreira.



O sr. Ooiman, director da «Philips» em Buenos Aires, ao chegar ao aeroporto em 2 de Setembro último, em trânsito para o Argentina, no avião da K.L.M. (Real Sociedade Holandesa de Aviação), que fez, naquela data, o segundo vôo especial da nova linha de Amsterdam-Buenos Aires, por Lisboa e Rio de Janeiro.

## A NOVA CARREIRA DE AVIAÇÃO AMSTERDAM - LISBOA - RIO DE JANEIRO - BUENOS AYRES DA COMPANHIA K. L. M. (REAL SOCIEDADE HOLANDESA DE AVIAÇÃO)

No dia 2 de Setembro último realizou-se, com o melhor êxito, o segundo vôo especial da nova linha Amsterdam-Buenos Aires, via Lisboa-Rio de Janeiro.

Damos, nestas fotos, alguns aspectos desse vôo da nova carreira, destinada a ser, em breve, bi-semanal nos dois sentidos, vindo assim a constituir um valioso contributo para as rápidas comunicações com a América latina, e, particularmente, para as relações entre Portugal e o Brasil.



O escultor Barteletty resolveu esculpir a máscara deste chimpanzé. Enquanto o bicho «posava», contrafeito, ia estudando os gestos e operações do artista. Por fim, agarrou nos escopros e cinzeis e tentou dar uns retoques na sua máscara já esculpida. Quem sabe se teria chegado à conclusão de que o escultor lhe piorou as feições.

Porque é que o seu médico aconselha SULFADENTINA?



Porque usar SULFADENTINA representa uma defesa permanente contra as bacterias e torna os vossos dentes saos como nenhuma outra.

L. MAITRE & FILS S.A.



TORNEIRAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES

TAGO

FICOLL

EVITE os incômodos e aborrecimentos utilizando em sua casa as Torneiras TAGO

# A MUNDIAL SEGUROS

Que bela é uma manhã na praia!

Que prazer gozar as suas delicias!

Porém, antes de expor-se ao sol e ao ar deve proteger a sua pele com

**CREME NIVEA** ou OLEO NIVEA

e assim diminuirá o perigo das dolorosas queimaduras do sol. Nunca se exponha ao sol com o corpo molhado. Nivea penetra profundamente na pele sem obstruir os poros, dando um aspecto belo e juvenil que só a formosura de uma pele sã pode proporcionar.

PREÇO DESDE 6\$00

Posto: Branco & Fernandes, Ltda. 39, Rua Sapateiros, Lisboa

QUERO contar-te este caso — disse-me ela — porque preciso desabafar com alguém. Os desgostos, quando os sofremos em silêncio, parecem mais intensos — asfixiam como um gás deletério num compartimento fechado. Vou, pois, contar-te o triste episódio como quem toma um remédio necessário.

— Meu Deus! Como tu estás dramática!

— Há sempre drama no desfazer duma ilusão.

Recebi, com doce alegria, a lisonjeira confiança que ela depositava em mim — e o nevoeiro de lágrimas percebido nas suas pupilas, a fixidez inusitada e triste dos seus grandes olhos escuros, logo me deixaram desejoso de ouvi-la.

— Podes contar — disse-me eu, suavemente — com a minha compreensiva e serena atenção.

Calou-se, por um instante, retrocedendo aos primeiros passos daquele enredo infeliz e, depois, começou:

— Há três meses, mais ou menos — havia, nas suas palavras, um acento melancólico e saudoso — deparou-se-me, num jornal da manhã, um anúncio que dizia assim: «Cavalheiro — isto, como título, em caracteres grossos — vinte e oito anos, deseja corresponder-se com senhora de vinte a vinte e cinco».

Só a correspondência que o cavalheiro pretendia iniciar, era absolutamente incolor, sem nenhuma intenção confessada. Era, por assim dizer, como uma estrada no infinito, uma estrada sem um fim, sem um destino, que não ia dar a sítio nenhum. Achei o anúncio curioso e lembrei-me das minhas longas tardes sem ocupação, aborrecidas e intermináveis de lenta ociosidade.

Peguei, pois, numa folha de papel e respondi — escrevi-lhe uma carta bem humorada, em que o levava pouco a sério e me oferecia, a rit, como vítima voluntária da sua epistolomania. Passados dias, chegou-me, pelo correio da manhã, a sua aquiescência — formulada numa caligrafia bonita, máscula, e redigida no mesmo estilo risonho da minha carta. Sim senhor! Confessava-se um doente incurável e descrevia, com exuberância cômica, o seu quarto, onde, dizia ele, de alto a baixo e ao longo das paredes, como única decoração, só se viam caixas de papel — a matéria-prima com que alimentava as necessidades permanentes e fabulosas da sua mania — e aceitava, com desesperado egoísmo, o meu oferecido sacrifício. Mas dizia tudo isto numa prosa elegante e fina, que apetecia saborear.

Da primeira vez, em resposta ao anúncio, tinha eu escrito por desfastio, só para encher as horas chuvosas de uma tarde de inverno, mas a segunda carta já foi traçada numa diferente disposição: com gosto, com interesse.

— Apaixonada?

— Não, pelo amor de Deus! Se é preciso classificar o meu estado, digamos, antes, cativada. Cativada pelo seu espírito, pela sua inteligência, pelo seu brilho. E, depois, em cada nova mensagem ia eu descobrindo, no meu invisível correspondente, outras e variadas virtudes e, com elas, renovados motivos de admiração e de simpatia. Falámos de tudo, como quem expõe, num «test» rigoroso, a maneira de sentir e de pensar sobre todos os problemas e futilidades da vida. E, pouco a pouco, empurrados, insensivelmente, pela nossa variada e progressiva compreensão, notamos, com surpresa, que as nossas cartas iam adquirindo, um imprevisível e delicioso colorido. A estrada, afinal, não marchava, perdida, no infinito — tinha um termo, conduzia a um destino que já se entrevia, resplandecente de luz e de calor.

— Apaixonada?

— Sim! Agora, sim. Suavemente apaixonada. Talvez, ainda, este sentimento te pareça precipitado, mas nota que estás seguindo o caso no galope duma conversa. E, além disso, não esqueças que ele escrevia bem — bem, pelo menos, para o meu gosto — e a beleza de expressão, aliada à pureza de sentimentos, sempre exerceu poderosa influência no meu espírito — uma espécie de misterioso e irresistível encantamento. Conheci-o nos profundamente — ainda que nos desconhecêssemos os respectivos aspectos físicos, com certeza secundários.

E era até interessante, para mim, imaginar o seu rosto e toda a sua figura. Criei, dentro de mim, uma imagem dele, feita ao meu gosto — mas uma imagem tão nítida, tão real, que me foi quase preciso um esforço de raciocínio para reencontrar, desapontada, na consciência da minha fantasia.

Parecia-me absurdo que eu não o conhecesse, que não soubesse como ele era, nem que a minha criação tivesse de representar, obrigatoriamente, a imagem dele próprio, transmitida ao meu espírito por qualquer processo misterioso e confuso. Tive, no entanto, de admitir o meu erro e, em face da lacuna que era a minha ignorância do seu aspecto, agulhou-me, incisiva, a necessidade de desvanecer a névoa, o

# ANÚNCIO

desejo, furiosamente curioso, de vê-lo, tal qual ele fosse.

Fiz-lhe, então, um pedido, o meu primeiro pedido: que me enviasse um retrato, mas que mo enviasse depressa, muito depressa!

Esperei-o, todavia, durante três dias. Escreveu-me, primeiro, dizendo não possuir nenhum, o que o privava da possibilidade de socorrer, de repente, o que ele chamou o meu súbito e ansioso capricho, e enviou-me, enfim, um retratinho pequeno, que disse provisório.

— Tem-lo aí? — perguntei eu.

— Rasguei-o! — disse ela com rancor. Mas logo regressou ao ritmo anterior da narrativa:

— A verdade, finalmente, superava a minha fantasia. Mesmo no enlevo da minha criação, verifiquei que tinha sido cautelosa. A despeito da pequenez do retrato, percebiam-se-lhe as feições, inexecráveis de simpatia, e ele surgia-me com um aspecto bem mais agradável e mais jovial do que eu supusera.

Está claro que o recebi com alvoroço, e fiz dele o meu talismã e a minha fonte perene de alegria.

Se uma sombra, fosse pelo que fosse, escurecia a minha alma, bastava-me só espregitar, no quadrado de papel, o seu sorriso miniatural, para que a sombra se desvanecesse e todos os meus sentimentos fossem luz. E, à noite, o rosto dele descalça-me da memória e insinuava-se nos meus sonhos — perseguia todos os passos das minhas nocturnas divagações, como um companheiro irremediável e bem vindo.

Para que a nossa apresentação fosse mútua, envi-lhe, na carta seguinte, uma fotografia minha, em bilhete postal. Agradeceu-me, na volta do correio, e fê-lo em termos de profunda admiração, susceptíveis de conduzir qualquer espírito, menos seguro, a uma verdade sem remédio. Dizia-me ele, por exemplo: «Em verdade, não sou mais do que uma pobre criatura tímida, em face do teu retrato — porque ele me trouxe uma revelação que excede demasiadamente as minhas cegas e obstinadas suposições. Quase diria — perdôa-me! — que ele nos distanciou, pois me surges tão linda e tão perfeita como um símbolo do inacessível, como a pamosa materialização dum milagre».

Embora encantada — é certo que até os exageros, quando são música rara — nos soam como uma música rara — pedi-lhe que me apanhasse do pedestal onde me tinha elevado e me pusesse simplesmente no chão, ombro a ombro com ele, porque eu nada tinha nem de milagroso nem de inacessível.

E propus, ainda, descer, eu própria, desse pedestal onde me subira: o seu enlevo desvanecido e ir ao encontro dele, mostrar-me aos seus olhos e falar aos seus ouvidos, para que me não supusesse mais um símbolo desumano, inalcançável. «Os retratos — dizia-lhe eu — são muito mais a arte dos fotógrafos que a beleza dos modelos».

E começámos, então, a combinar o encontro.

O amor é um sentimento caprichoso, variado e sempre insatisfeito.

A felicidade que eu sentira com a fotografia dele, aliás tão recente, já pouco era ao pé do desejo de vê-lo em carne e osso, de ouvir a sua voz, de receber directamente o seu amor e o seu entusiasmo.

Ficou, pois, o encontro combinado. Seria numa segunda-feira, então à distância de três dias, e ali nos Restauradores — naquele canto — tu sabes — onde há uma balança. Durante estes três dias, não houve mais cartas — o que tivéssemos a dizer, di-lo-lamos então de viva voz.

Calculas, certamente, o que foi, para mim, a espera insofrida e nervosa deste espaço de tempo. Imagina! de mil maneiras, pelo menos, o precioso momento em que nos vissemos e arrependi-me, alternadamente, de não ter combinado para mais cedo, e para mais tarde o encontro famoso. Dividi-me, de continuo, entre o desejo e o receio. Comportava-me, para com todos, duma forma esquivada e alheia, ao ponto de chamar, sobre mim, a suspeição e sentida atenção de algumas pessoas.

E isto, durante três dias, alongados, ainda, pela fantasia delirante das noites, dormidas a intermíncias. Tentei, de toda a maneira, libertar-me deste nervosismo irritante e noleste, mas verifiquei que ele era uma fatalidade irremediável da minha própria natureza — e continuei a sofrê-lo em todas as cambiantes.

— Mas, enfim! Chegou o dia. E um dia lindo, já próximo da Primavera. Quando abri, manhã cedo, a janela do meu quarto, senti-me rejuvenescida

e feliz — achei a minha alma tão leve e tão contente como a de uma criança.

Leve de responsabilidades, contente de viver...

Este tempo de sol, vinha, aliás, ao encontro dos meus desejos, porque eu sentia-me garrida e tinha feito galantes projectos sobre a minha «toilette». Bastaria, porém, surgir o dia, nevoento e murcho, para que todos os planos tivessem de ser modificados — e Deus sabia com que desgosto.

Estava, pois, satisfeita.

A nossa mútua apresentação tinha sido combinada para as quinze horas mas, a despeito dos meus esforços para ser apenas pontual — nada mais do que pontual — encontrei-me, no lugar do encontro, quinze minutos mais cedo. A hora era movimentada e febril. Eu espiava, ansiosamente, as mil fisionomias da multidão que passava, para baixo e para cima, com uma pressa invariável e constante, mas a tarefa de identificar, entre tantos, um rosto mal conhecido, em breve se me revelou esgotante e difícil. Bem sabia que ele havia de vir ao meu encontro, assim que chegasse, mas, com certeza, sentiria prazer em reconhecer-lo de longe.

Dáí a pouco, faltavam, ainda, uns cinco minutos para as três horas, já eu estava arrependida da escolha de semelhante local. Parece que a minha presença, naquele sítio, por mais que eu fizesse por disfarçá-la, diminuindo-me aos olhos daquela gente, ficava sempre em nítida evidência e nenhum homem se dispensava de me dirigir qualquer graça idiota e suez ou, pelo menos, um olhar de nojenta significação.

Notei, entretanto, que já eram três horas — e isto foi um alívio. Ele iria aparecer, de um instante para o outro, e libertar-me daquela situação antipática e forçada.

Pensel, mesmo, que já agora me estaria observando, certamente, ali de perto mas de onde eu não o visse, no antegosto do momento em que surgiria na minha frente: — «Aqui estou!».

Todavia, o ponteiro do relógio tinha perdido alguma coisa da anterior verticalidade e já tombava, para a direita, num lento desânimo. Que significava esta demora?

A uns cinco ou seis passos do ponto em que eu estava, tinha parado, pouco antes, um rapaz desfigurado. Estacara, a remexer nos bolsos, como quem procura, por exemplo, um endereço anotado num papel, mas logo percebi que esta manobra era, apenas, a forma de rebuçar o seu intento de observação, pois passou a nalisar-me, de alto a baixo, com um fulgor insólito nos olhos pequeninos. Tinha um rosto macilento, magro, comprido e

toma das faces completa e horrivelmente destruída pelo fogo.

A própria orelha daquele lado, apenas avultava num confuso relevo, e toda a cicatriz, avermelhada, implume e lisa, tinha um aspecto que arreplava e confrangia.

Eram quinze horas e cinco minutos. A minha impaciência estava-se transformando num desespero decepcionado e raivoso. Este atraso, desconfortador e inesperado, magoava-me e ofendia-me.

E, depois, não bastava a demora do meu correspondente, senão, ainda, a molesta presença daquele indivíduo e a sensação repulsiva e constante do seu olhar. Porque ele fitava-me, fitava-me permanentemente, e eu vi que ardia, nos seus olhos, um desejo insultuoso. Bem sei que tu só por um esforço de inteligência poderás compreender-me, pois que esta horrível sensação, creio eu que só nós a sentimos, que é exclusivamente feminina. Dir-te-ei, porém, que o olhar deste homem desferido do seu rosto em ruínas, era daqueles olhares «que nos despem» e nos envolvem, voluptuosos, como mãos infames que nos tateassem. Com certeza arredado do convívio das mulheres, pelo seu defeito, tornara-se todo ele uma concentração de desejo que já não se reprimia, que extravasava, mórbida e brutal — e eu era, neste momento, o seu alvo predileto.

Tu não calculas, nem de longe, o que isto representa para uma mulher. Toda eu me sentia revoltada. O desejo que escorria dos seus olhos pequeninos, crispava, a minha alma, de nojo e de repulsa. Não pela sua infelicidade monstruosa — Deus me livre! — Mas pelos seus olhos, por essas duas chagas, infectadas de baixeza, senti, por este desconhecido um ódio tão profundo como nunca, antes, sentira por ninguém. Se eu pudesse, batia-lhe — louca, implorosa, incansavelmente!

E tive medo de me deixar vencer por um ímpeto, de ceder ao desvario do meu ódio, de me lançar sobre ele, de punhos decididos e cerrados; tive medo de gritar-lhe, endoidada, o meu nojo e o meu desprezo — e, então, fugi.

Sem querer saber de mais nada, sem esperar mais pelo meu misterioso correspondente — fugi dali, afastei-me, a correr, daquele lugar maldito e fui esconder, para casa, as minhas lágrimas e a minha vergonha.

No dia seguinte, o correio trouxe-me uma carta. Aqui a tens, podes lê-la. Foi a última do meu ídolo.

E eu li estas linhas:

«Perdôa-me! O meu retrato foi uma terrível mentira. Quem eu sou, realmente, é aquele infeliz de cara destrocada, de quem tu, ontem, fugiste com horror».

VITOR COLAÇO

# RECTIFICAÇÃO DE FRONTEIRAS ENTRE A FRANÇA E A ITALIA



A pequena vila de Briga, que a Itália é obrigada a ceder à França, não virá a ser um motivo de «briga» entre os dois países e o alimento indispensável para criar um novo Mussolini?



Tenda, que foi entregue à França, tem 90 por cento de população italiana. «Pensar sempre nisto, mas nunca falar a seu respeito», declarou um deputado italiano, servindo-se da mesma expressão que os franceses empregaram em relação à Alsácia Lorena...



D interesse francês por Tenda explica-se pela existência ali de uma grande barragem que produz 100 milhões de kw.

## Nasceu uma Realizadora

(Continuação da pág. 20)

voz doce — não nos convenceu, no desenrolar da sua aventura. Esta rapariga, inteligente e culta, que «sente e vibra» — e a prova como directora de filmes é conclusiva — parece ter dificuldade em exteriorizar os sentimentos e emoções. É natural que a circunstância de ter sobre si a dupla responsabilidade da direcção e interpretação do seu filme — tarefas que, cada uma de per si, absorvem a capacidade criadora dum artista — haja influído para o resultado.

Jodo Perry veio do Teatro para o Cinema. Coube-lhe um papel difícil e cheio de espinhos. Nem sempre nos deu a medida do que vale, e esperamos, num novo trabalho, afirmação mais completa das suas possibilidades. Alfredo Ruas, que tantas vezes temos aplaudido no palco, e que é um actor de primeira fila, errou, quanto a nós, a composição da personagem e o estilo da representação, que é demasiado teatral. A figura está mais perto do palco de revista do que do cenário austero do solar dos Beifortes. Toda a gente imaginará, ao vê-lo, que é um aldeão ou o jardineiro da casa. A ninguém passará pela cabeça que se trata do pai do castelo... Linda Rosa tem um daqueles papéis que dificilmente permitem brilhar. Mas não traiu a figura, a despeito de certos «gros-plans» excessivos e «demodés», a que a obrigaram.

\*\*\*

«Três dias sem Deus», com todas as suas ingenuidades e insuficiências, é a revelação duma nova realizadora. Revelação com a qual nos rejubilamos — e que deve alegrar quantos se interessam pelos destinos da cinematografia nacional. Esta só pode ganhar com a renovação dos seus quadros técnicos. E Bárbara Virginia prestou provas que prometem. Mas para a próxima vez exigimos mais — e melhor. Porque lhe sobram qualidades para ir mais além.

## CURANDEIROS

(Continuação da pág. 13)

lona já abandonada pelos médicos. Depois disso, a sua lanceta nunca mais descansou: entende que as doenças são produzidas por «macaquinhos» na cabeça: uma boa sangria os despejará, a mistura com glóbulos. A uma tuberculosa, prostrada de hemoptises constantes, a quem eu conseguira isolar, chamado pelo marido da doente, garantiu a cura em oito dias: garrafadas de vinho e sangria; e para provar o meu erro, intimou os filhos a voltarem para casa e dormirem com a mãe! O prognóstico foi festejado a preceito no taberna, onde o marido e o curandeiro saíram premlados da inspiração...

# Curandeiros

Por FERNANDO NAMORO

Fotos de JOÃO MARTINS

NESSE tempo, o sr. Amadeu passava todas as tardes à minha porta, de cajado na mão, já trémulo, de volta do giro diário pelas aldeias onde a sua reputação era mais sólida. Era um curandeiro geralmente aceite na região. Poucas famílias poderiam gabar-se de não ter ocorrido aos seus propalados préstimos. Tinha um modo grave e indecifrável de dar conselhos, que ajudava a florescer a lenda à sua volta: «Sr. Amadeu: tenho ataques de asma». «Sal daqui e faz uma casa no monte. O teu caixão é a ribeira». E nada mais. A camponesa resmoia as palavras sóbrias, cismava a relação que poderia haver entre um

rio e a asma, mistério para ela inexplicável, e ia para o monte. Ia para o monte e curava-se, e o milagre, conseguido sem mestrinhãs e sem gastos de botica, era soprado a todos os ventos. É certo que a idade lhe tinha exagerado progressivamente um gosto pouco louvável pela aguardente e pelo vinho, e de regresso da sua visita pelos doentes, era encontrado, mais vezes do que seria decente, adormecido nas valetas das estradas, borracho, quase inanimado. Mas o tempo acabou por abafar o escândalo e o descrédito, e o vício acabou por se impor à compreensão e ao carinho dos conterrâneos.

Quando se falava em curandeiros, eu reunia-os, a todos, na personalidade estimada do Amadeu. Por isso, essa ideia nunca foi, na minha meninice, nada que subesse a ilegalidade ou pitoresco. O célebre barbeiro das Cotas era uma excepção: um farmacêutico tinha-me dito que ele era homem para dar erros grosseiros de português! O pitoresco e o saboroso vieram depois, naquela fase em que todo o estudantinho de medicina considera médicos

de aldeia e curandeiros como idênticos membros duma família folclórica, estúpida e ignorante, que, além de prejudicarem a vida do próximo, servem de comentário jocoso aos médicos conceituados e janotas das cidades. Todo o ambiente enfatuado das Faculdades serve perfeitamente para preparar e robustecer essa ideia de que o esfalfado João Semana é esse sujo praticante das Medicinas, atrevido e ingénio profissional, analfabeto, que burlou a Universidade com um diploma que não merece. Nesse tempo, em que eu era um dos tantos que diziam ao doente internado que «passasse à frente», quando o pobre diabo chamasse a atenção para a opinião e tratamento do doutor da terra, foi-me distribuído um... curandeiro. Com uma expressão de cumplicidade manhosa, interrompeu o meu interrogatório confessando que tinha ludibriado os médicos: estava ali rijo como um rapaz. Tinha-se insinuado entre os médicos do meio hospitalar, passando por doente, numa aventura de espionagem ousada, por ter ouvido falar na maravilha das sulfamidas, e queria descobrir-nos o segredo... A história mereceu apenas um sabor anedótico.

Quando a Faculdade se dignou conferir-me um papelucho bonito, que arrasta consigo todas as responsabilidades e amarguras duma profissão onde quase todos são uns assanhados oficiais do mesmo ofício, encontrei de novo o sr. Amadeu — como sempre, satisfeito consigo e com o seu saber.

Como era usual na região, o sr. Amadeu ia rever, depois da minha visita, o tratamento por mim prescrito. E af de mim se não tivesse o seu apoio! Confesso que lhe dei algum trabalho: eu saía da Faculdade com uns métodos meticolosos e espectaculares na cabeça, horas marcadas de medicamentos, dietas transcritas dos compêndios e conselhos que brigavam com os casebres, a bolsa e o entendimento da minha clínica de camponeses, e que desorientavam a tradição inabalável das intervenções do curandeiro. Depois duns meses de comparação com o receituário dos meus colegas, o Amadeu confessou-se impotente para me julgar. Eu era diferente!

Um médico da terra, inteligente e camarada, daqueles que ainda sabem dar uma lição de decência, que vão ao encontro do novato e, sem espalhafato e promessas, lhe preparam o caminho

e afastam as desilusões, contava uma história típica do sr. Amadeu: Dos médicos, em conferência, tinham decidido aliviar um doente de pleurisia, oprimido e angustiado, esvasiando a pleura do líquido estranho. (Que me perdem os colegas puros e sabichões esta linguagem acessível, tão pouco profissional!). O Amadeu, por detrás da cortina, não concordou: o que os médicos queriam era secar o pulmão do rapaz. E o doente, quando viu diante de si o aparato das agulhas e seringas, recusou-se a ceder à intervenção. Um dos colegas, porém, era um João Semana em corpo inteiro: rude, decisivo, desconhecendo os sorrisos estudados em casa para agradar a doentes e compadres dos doentes. E impôs a intervenção. O doente em breve aliviava. A respiração tornava-se ampla, os pulmões desafogados, e por isso exclamava a todo o momento: «Grande patife! Grande patife! Se eu o apanho...». Mas não esclarecia os insultos. Quando os médicos aconselharam que alguém da casa enterrasse no quintal o líquido extraído, disse: «Está bem; mas, antes disso, quero-o aqui bem à mostra para que um amigo o veja com os seus olhos!». E acabou por confessar o conselho do Amadeu. Este não faltou à visita diária. E perante a indignação do freguês, compôs o seu ar misterioso e pensante, e disse: «Estás fresco, estás! Mas o que tu não sabes é que te plearam a bexiga!».

Eu poderia contar dezenas de histórias do Amadeu — um L. rbeiro que tinha uma oficina só para não perder o título, e que usava um processo estranho de extracção de dentes: o paciente ficava entalado numa valeta, com os joelhos presos, para não haver fuga possível no momento mais trágico. Podia contar muitas histórias dele e dos seus colegas — profissionais duma ilegalidade que estrophia e mata; e delas não esqueço a dum pobre velho — destes velhos que, nas casas miseráveis, são um objecto pesado e gasto, mais uma boca inútil a comer — a quem a gangrena tinha iniciado a sua obra na extremidade dos membros inferiores. Imposto, quase, um internamento urgente, o Amadeu, garantindo a cura, extraiu-lhe todas as unhas dos pés, para que o mal tivesse uma saída.

O Amadeu morreu em paz, sem remorsos, neste país onde todos temos um conselho entendido a dar a um compadre



A aldeia: Ninho de curandeiros...

honras de vítima, revigorará; desprezado, mas explorando habilidosamente os seus erros e crimes em face do julgamento do povo, acabará por ser um exemplar duma raiz definhada».

Confesso que a minha opinião não era tão cômoda nem tão simplista. Mas eu próprio, com a amarga experiência dos anos de prática, acabei por considerar que a medicina é, para o povo, uma arte com o seu quê de magia. Há homens que nasceram para ser entendidos na arte; os livros de nada servem: serve qualquer coisa, inapreciável e sobrenatural, que está dentro de cada um. Por isso, o curandeiro é aquele homem feliz, nascido entre eles, que usa as mesmas palavras, a mesma astúcia, os mesmos processos e explicações acessíveis. É certo que o curandeiro é também um homem da cidade, coabitando, por vezes, no mesmo prédio onde há médicos às mãos cheias; e que, hoje, muitas vezes, o curandeiro aldeão é um sujeito escovado, finório, que conhece embalagens farmacêuticas recentes, formula, extrai dentes com boticoes luzidos — mas tudo isto não invalida inteiramente a magia que protege a ilegalidade.

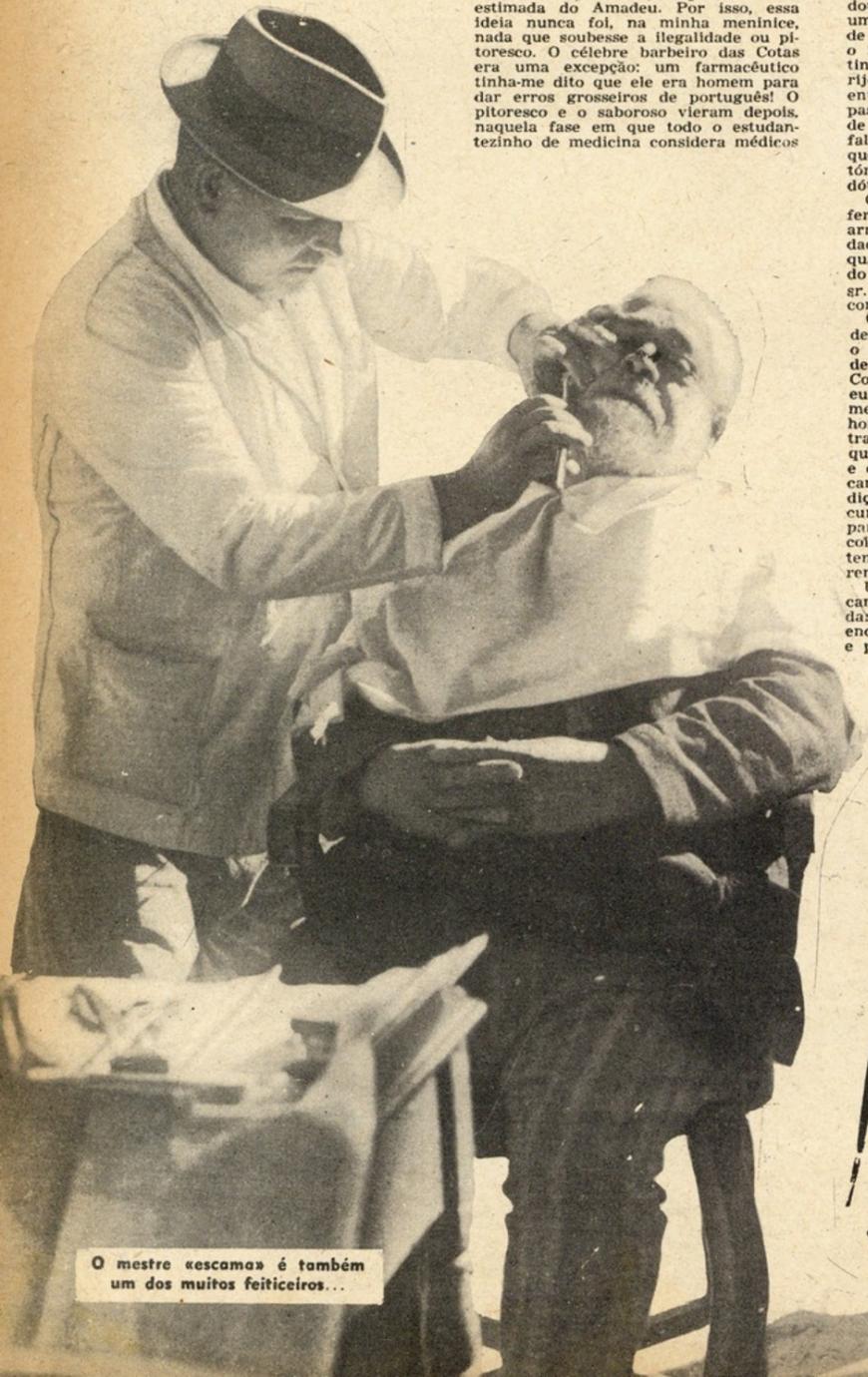
A Beira Baixa é um dos paraísos dos curandeiros. Há charneças e casais perdidos nos descampados onde nunca chegou um médico. E, noutras, o médico é um sujeito distante, afastado do povo, temível. O curandeiro tem o seu campo fácil e livre. As distâncias são enormes, o povo miserável, as vistas médicas por vezes laboriosas. Bem instalados, figurantes da matilha dos exploradores do povo, roubam-lhe a saúde e a vida e esvasiam-lhe a bolsa. Apresentam garrafas miraculosas, com composições que dizem caríssimas. O povo pagará confiado: ele só teme o preço das receitas dos médicos — esses sujeitos bem vestidos e bem falantes, que o povo sabe alimentados por ele.

A galeria é interminável: o sr. Artur, um mouco barbeiro que já aqui há dez anos tinha inventado o processo de resolver a praga da cárie dentária, extraíndo o dente, ensaboando-o, escanhoando-o, até que, limpo e luzidio, voltasse ao seu lugar primitivo; o endireita do Paradanto; a mulher cura cancos; o mestre Amaro, filho e neto de curandeiros, barbeiro e alfaiate de profissão e amante do vinho como o falecido Amadeu. Mestre Amaro faz as suas

(Continua na página 11)



ALI ESTÃO, CRÉDULAS, À ESPERA DE VEZ...



O mestre «escama» é também um dos muitos feiticeiros...

Três receitas

Pelo que envie:

Sal Benzete para 1 litro

Ácido fénico 5 gr

2 Receitas para avisar

Tintura de hidrastis

" " hamamelis

Ergotino

viburnum

Quena m andar pto partadar:

5 gramas de Benzocat. de sodio

Seja mais. Cadaol mande tambem

do pedido de 1/6

1 tubo repetil de 20 cray

40 capinhos para ostras vazias

sem iram sem arizo

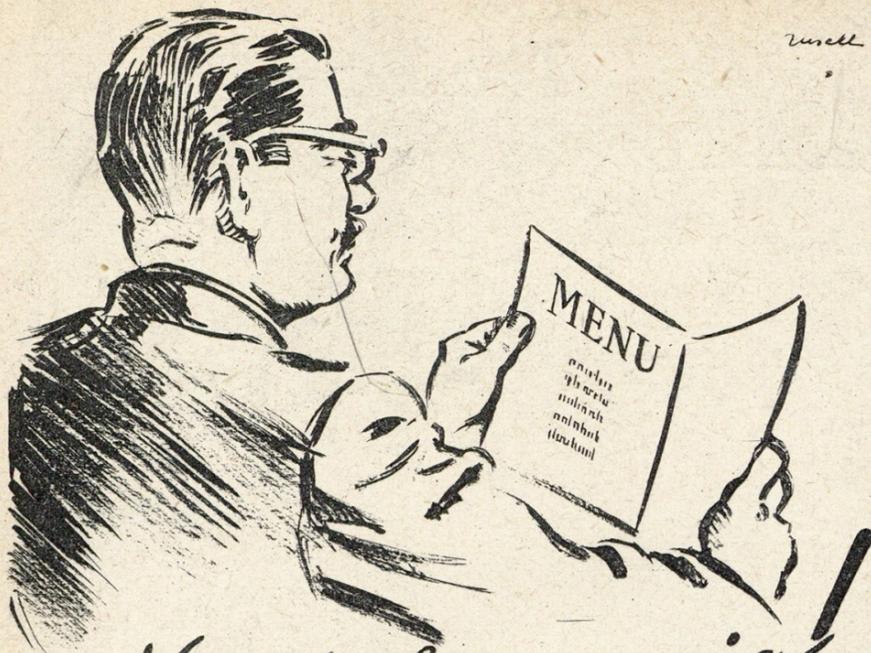
Fluy

2 enfencas de soro antidiarre

rijan

enfencas de soro antidiarre

rigue



*Não tenha receio!*

Não se prive do seu prato favorito com medo de má digestão ou prisão de ventre. A Magnésia SANTA MARIA, de suave acção laxativa e reguladora da função intestinal, combate essas moléstias. Uma experiência o convencerá, mas repare bem na embalagem original com a caravela.



*Magnésia*  
**SANTA MARIA**

**MEIAS AMERICANAS  
(NYLON-DUPONT)**

**51 Gauge**

A autentica meia de vidro  
Recebemos directamente em todos os tamanhos

**MEIA DE VIDRO**  
Rua Augusta, 158

**Companhia Nacional de Navegação**  
Vapor «SOFALA»

SAÍDA EM 14 DE SETEMBRO

com escala por LEIXÕES, para S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos com baldeação

RECEBE CARGA E PASSAGEIROS

Vapor «CABO VERDE»

SAÍDA EM FINS DE SETEMBRO

Para FILADÉLFIA OU NOVA YORK

RECEBE CARGA E PASSAGEIROS

LISBOA: RUA DO COMÉRCIO, 79 E 85  
TELEFONES 2 3021 a 2 3026

PORTO: RUA INFANTE D. HENRIQUE, 73  
TELEFONE 1434



UMA CENA DE «TODO O MUNDO É NINGUÉM»

## MESTRE GIL VICENTE REPRESENTADO PARA O POVO

**A**INDA não há muito tempo, em um número do «Mundo Literário», António Pedro lembrava a necessidade de levar Gil Vicente até ao povo.

Pois há um recente e pequeno grupo cénico de um clube de operários e empregados — o Ateneu de Coimbra — a quem cabe essa honra entre grupos congéneres, o primeiro, cremos nós, que tal ousa em Portugal.

Como remate artístico de um passeio fluvial pelo Mondego, de Coimbra a Montemor-o-Velho, pela primeira vez foram representados, perante mais de uma centena de pessoas, no interior do velho castelo desta vila, os quadros «Horas das Negligências Mundanas» e «Todo o Mundo é Ninguém», de Gil Vicente, que a assistência seguiu e aplaudiu com interesse e compreensão.

Mais uma prova real de que Mestre Gil pode ser entendido e amado ainda hoje pelo nosso povo, especialmente o rural, em representações ao ar livre, como esta, sem necessidade de cenário que não seja o natural. Por exemplo, que cenário mais feliz e adequado que esse onde esta representação se deu? Ameias de um castelo ao fundo, com os tons de pedras carcomidas, uma ca-

pela à direita, como que a propósito para estes quadros, árvores de um verde vivo projectando sombra no plano onde contracenaram os demónios; por cima e ao longe um céu azul puro com raras nuvens brancas em plena tarde de sol brilhante.

E os mais naturais efeitos de encenação que se podem tirar dos improvisados locais de representação?

Esta simples experiência com Gil Vicente pode ser alargada a outros autores e épocas. Infelizmente, o repertório teatral português é pobre, especialmente para estes fins.

Mas entusiasmo não falta ao Grupo Cénico do Ateneu de Coimbra, que antes do Teatro dos Estudantes de Lisboa ter representado «O Doido e a Morte», de Raul Brandão, num bom teatro para público selecto, o fizera ele sobre umas desconjuntadas tábuas para um público sem preparação, mas interessado!

É assim, só com a boa vontade de meia dúzia de jovens amadores, que depois dum dia de trabalho ainda à noite se dispõe a tal, sob a direcção artística de um estudante universitário que os ensaia e às vezes com eles representa também.

## HEROIS desconhecidos

ressa o que se passa ao redor, e tanto podem ser tomados por loucos, como por suicidas!

São muitos, estes heróis desconhecidos, que assim arriscam a vida inutilmente, sem benefício para ninguém. São muitos — e cada vez parecem ser mais!

Repare o leitor quantos casos destes encontra pelas ruas de Lisboa. Conte o número de vezes que vê passar um senhor qualquer, às vezes até de lunetas, sem ar algum de herói, mas, indiscutivelmente, com uma grande, uma firme vontade de morrer! Veja como ele passa por entre motoristas atónitos; como só por milagre escapa dum automóvel que vem em grande velocidade, para logo passar rentinho a um eléctrico, e acabar, quase sempre e como que por milagre, por chegar ileso ao passeio fronteiro!

Heróicos sujeitos! Sem a ambição de qualquer recompensa arriscam a vida, a toda a hora, por essas ruas... E alguns têm família e fazem-lhe falta, se morrerem!

Heróica gente! Lêem o jornal, conversam, tudo no meio da rua, em pleno trânsito — e escapam, quase sempre!

Que heroísmo — e que sorte!

ANIBAL NAZARÉ

**N**ÃO esperam recompensas oficiais, e só por sua morte apanharão a ambicionada fotografia nos jornais. Não desejam honrarias, nem têm como certo que a auréola da glória lhes destaque a altivez da frente. E, no entanto, teimam em ser heróis. Em jogar a vida, dia a dia, momento a momento, sem vontade certa nem finalidade visível!

Referimo-nos, amigos, a quantos atravessam essas ruas calmamente, des preocupadamente, alguns lendo tranquilamente o seu jornal por entre os automóveis que passam na sua carreira veloz!

E eles, indiferentes ao perigo, passam lentamente, sem olhar sequer para o lado, param para cumprimentar um amigo...

O trânsito, para eles, não existe. Passeiam por Lisboa como por velha cidade abandonada ou deserto onde se não encontre viv'alma. Não lhes inte-

# ROMARIA DA PIEDADE EM ELVAS

**D**e vinte léguas em redor é um nunca acabar de romeiros por estas estradas curvalhadas do Alentejo, pertinho da Raia, com Badajoz em frente e Olivença sempre nos olhos. De Reguengos, Redondo, Alandroal, Arraiolos, Borba, Vila Viçosa, Évora, Monforte, Fronteira, Portalegre, Nisa, Alpalhão...

Carros tapados, tiradas as parelhas nédias e dentro deles romeiros contentes soando pandeiros e harmónios, nas canções singelas das terras do grão, vindo a trazer a sua esmola de trigo ao Santuário da Piedade de Elvas, e durante três dias cantando e feirando:

Na festa da Piedade  
Muita coisa se lá faz  
Uns arranjam rapariga  
Outras ficam sem rapaz.

As modas novas surgem. É um ano agrícola que finda. Terminam contratos de trabalho; pagam-se rendas; o tempo muda...

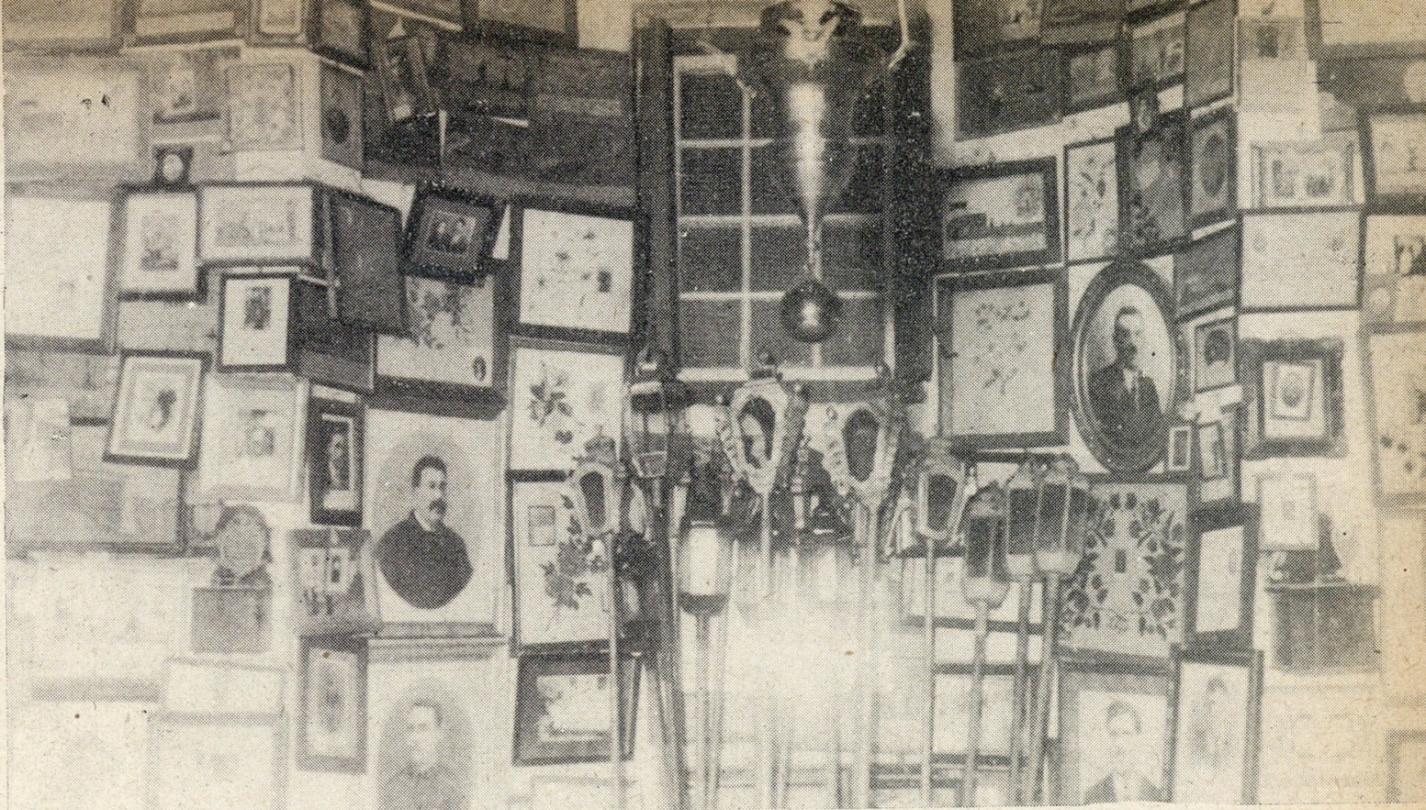
Aguas verdadeiras.  
Pelo S. Mateus as primeiras...

E as cantigas, as saias, são também renovadas. Vem Campo Maior:

Saias novas, saias novas...  
Essas é que são as tais.  
Trouxeram as camponesas  
Nas pontas dos aventais.

Requebram-se os pares até altas horas durante três noites seguidas.

Saias, as modas características do Alto Alentejo. Ouvem-se desde Reguengos até aos termos de Alpalhão, conforme a paisagem alentejana se enrugam com altos e baixos e com vertura nas ladeiras, das colinas, povoados de olivedos e sobreirais. Saias-modas ensaiadas, primas próximas (pelo menos no nome) das saetas andaluzas, irmãs gémeas de melodias da Extremadura espanhola... Levam-nas da Romaria da Piedade de Elvas os



**Ex-votos na Igreja da Piedade. Testemunhos enternecedores onde não falta o agradecimento dos contrabandistas que se livraram dos Guardas Fiscais.**

que aqui vêem. Sim, porque ninguém vem a Elvas que não vá à Piedade, como ninguém vai a Braga que não vá ao Bom Jesus, ou a Viana sem ir a Santa Luzia, ou a Sintra sem ir à Pena.

O povo que é sobejamente e o maior de todos os poetas (porque é poeta colectivo), lá tem razão para afirmar:

Meu amor, se fores a Elvas  
Vai ver a Piedade,  
Que é a prenda mais bonita  
Que encontras lá na cidade.

De facto, a Piedade nesses dias é mais bonita que Elvas. É a síntese alentejana. Nem o S. João de Évora, as leiras ducais de Vila Viçosa ou a Senhora de Aires, em Viana.

A Piedade de Elvas é o Alto Alentejo em imagem e semelhança — na fé, na grandeza, na tradição.

É o fim dum ano de canseiras. As almeadas prontas, as sementeiras do novo ano que chega, a esmola do saco de trigo que se leva todos os anos conforme as posses — um de alqueire, outro de seis ou sete. Sim, porque o Senhor da Piedade aparece sempre em todas as aflições: ou o rebanho que está cheio de pesunho, ou o filho que veio da guerra são e escorreito, ou a mulher que lhe passou o comboio por cima, ou a eira queimada, ou até os contrabandistas que se livraram dos Guardas Fiscais. Lá está tudo testemunhando em ex-votos enternecedores, coloridos, populares. As moças cantam-lhe sempre, em louvor, em preito, em vassalagem, ou pedindo-lhe uma esmola de amor ou uma consolação de esperança:

Ó Senhor da Piedade,  
Senhor das obras bem feitas!...  
Que tem feito mais milagres  
Do que El-Rei tem de baionetas.



**1) Noite alta, ao som de harmónio faz-se uma feira de cantigas. 2 Alegoria de carros alentejanos que acampam no arraial.**

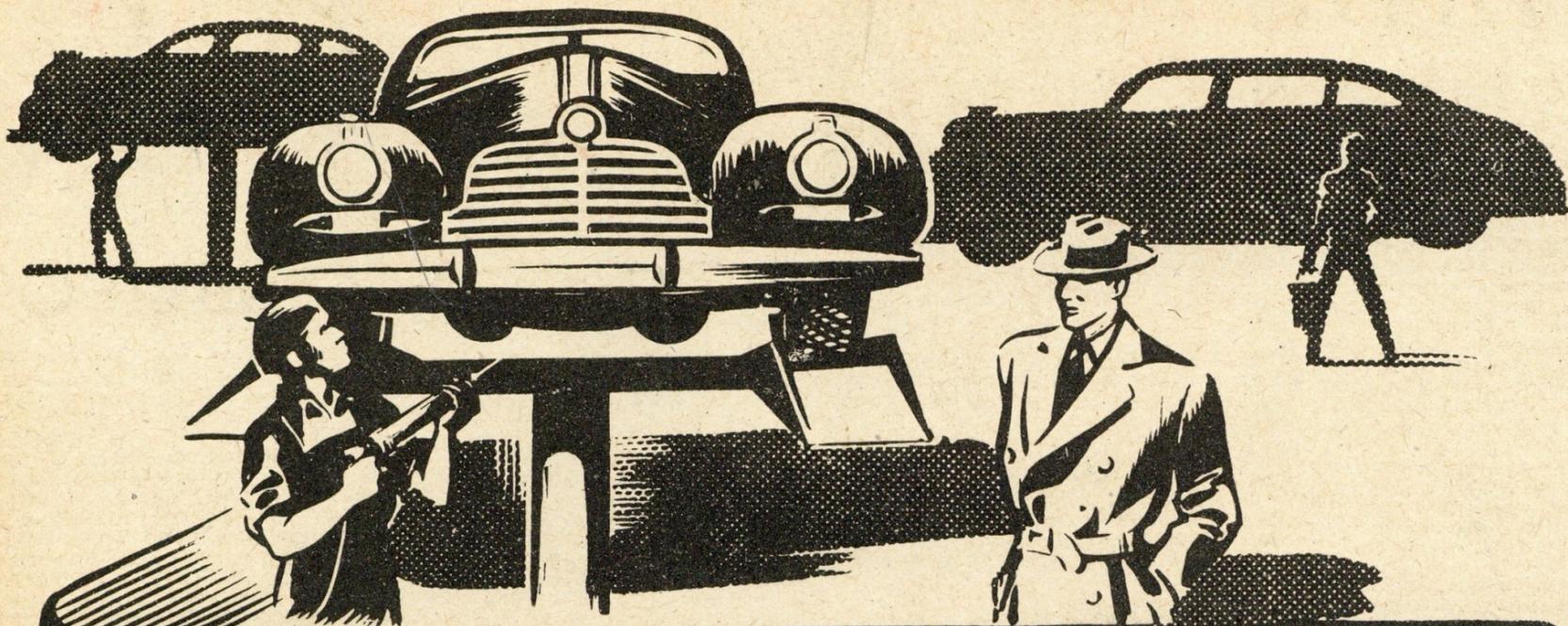
## UM NOVO MUSEU

Foi inaugurado, há dias, o Museu Paula Campos, magnífica iniciativa do Grupo de Cultura, Divulgação e Melhoramentos das Azenhas do Mar.

No Museu poderão admirar-se obras de Falcão Trigo, António Saúde, António Soares, João Reis, Aires de Carvalho, Jaime Murteira, Lino António, Dordão Gomes, Maria de Vasconcelos, António Duarte, Jorge Barradas, Narciso Soares, Júlio Resende, Anjos Teixeira (pai), José Maia, Betanio de Almeida, Israel Macedo e Silva, Leal da Câmara, Augusto Bertolo, Mário Costa, Barata Moura, Baptista Rudy, Oliveira Marques, Carlos Pinto Ramos, Rodrigues Alves, Júlio Pomar, José Manuel Félix e José Daniel (este natural das Azenhas do Mar).

O Museu foi inaugurado pelo Visconde de Asseca, que representava a Câmara Municipal de Sintra; escritor Francisco Costa, que representava o Instituto Histórico de Sintra e o Museu Municipal, e inúmeras pessoas, entre as quais numerosos artistas e jornalistas.





*Cuide bem do seu carro..*



*êle lhe retribuirá sempre..*

O seu carro funcionará melhor, prestar-lhe-á melhor serviço, desde que seja mantido com cuidado — e à frente de todos os cuidados de manutenção está a Lubrificação Racional.

A lubrificação racional com Mobiloil que dura muito, não custa mais anualmente do que a lubrificação vulgar.

2091

# Mobiloil

O OLEO DA LUBRIFICAÇÃO RACIONAL



**T**ODAS as minhas férias judiciais têm corrido em busca da melhor tarde para os meus filhos e o Verão de 1934 foi passá-lo a Viseu para um período de repouso e de recuperação para a minha pequenita a quem um sarampo traçozeiro deixara em grande debilidade.

As minhas preocupações de pai, levavam-me sempre para a onde houvesse um médico amigo, e naquela nobilíssima cidade, havia felizmente um que eu muito estimava pela sua invulgar inteligência e pelo seu coração de oiro: o António Gomes Mota.

O Hotel Avenida, onde fiquei, era próximo dum jardim e dum quartel e, na primeira manhã que passei em Viseu, acordei, ao hearda da guarda, ao som estridente dos acòrdes militares da banda regimental. Viseu é uma cidade típica e progressiva que impõe a sua preclara supremacia colhida, logo às primeiras impressões beolhas.

A Viseu atraira-me, também, o desejo de ver os quadros de Vasco Fernandes, pela semelhança que ainda hoje persisto em encontrar entre o rosto do São Pedro de um triptico do Varatojo, hoje em Torres Vedras, e o rosto do magestoso São Pedro de Vasco Fernandes. Foi pois para o elegantissimo museu Grão-Vasco a minha primeira visita cheia de curiosidade e de apaixonado interesse. Não esquecerei nunca as repetidas visitas que fiz a esse encantador museu e a quem um beirão de fino quilate e requintado bom gosto conseguiu fazer atingir um tão alto grau de destaque.

Todo ele é uma convincente lição de erudição artística e de bom gosto, e, duas das suas salas deixaram-me uma impressão inesquecível: a sala Columbano e a sala maravilhosa de Grão-Vasco.

Chocou-me, à vista, efectivamente, a semelhança total entre o rosto do São Pedro de Viseu e o do Varatojo que eu tinha no museu municipal de Torres Vedras. Obra da mesma mão ou cépia servil muito bem feita de algum discípulo de Vasco Fernandes e da mesma época, os rostos e a tiara, são, especialmente os rostos, perfeitamente os rostos iguais.

A circunstância de D. Afonso V que foi protector de Vasco Fernandes, ter, no Convento do Varatojo que fundou no final do século XV, dois tripticos, um dos quais com um São Pedro, de face igual ao de Viseu, afigurava-me e ainda hoje me sugere para a convicção que Vasco pôs a mão nos tripticos hoje imconpleta.

Não foi dessa opinião Almeida Moira, quando um dia tive o prazer de o receber, a um convite, para desferir essa convicção tentadora, e com ele estão todos os eruditos portugueses: eu, a quem a autoridade escassa ~~seja mantido, porém, a minha opi-~~

*Defenda a pele do seu filho...*



com  
**PÓ DE TALCO**  
**bébé**  
*M<sup>me</sup> Campos*

**PÉS**  
**ARDENTES**

Para os recompor e aliviar rapidamente os inchaços e a sensibilidade, mergulhe-os num banho de pés com Saltratos Rodel. Este banho faz desaparecer também a dôr dos calos e facilita a sua extracção. Saltratos Rodel, sais oxigenados contra todos os males dos pés. Preço módico. Em todas as farmácias e drogarias.

# O arroz de caril

## A AQUILINO RIBEIRO

não até, porque uma das tábuas dum dos tripticos, mereceu ao competentissimo fundador do museu Grão-Vasco, este comentário que ouvi radiante: «este sim! Aqui este fundo, é de Grão Vasco ou pelo menos da época». Os eruditos portugueses são opinião contrária e como a autoridade incontratada está, mercidamente do seu lado, o problema continua para mim numa dúvida persistente da qual não abdicoo.

Viseu é uma cidade encantadora, talvez até a mais qualificada cidade da provincia, pelo seu urbanismo e alto decoro citadino dos seus habitantes.

Eu fiquei agradado, com o notável índice do conviver progressivo e com o trato distinto e fidalgo das pessoas com quem o meu amigo Dr. Gomes Mota me fazia, às noites, jogar um bridge animado no magnifico e acolhedor clube da cidade.

De tarde procurava em geral as sombras e a frescura da mata do Fontel, com minha mulher e minha filha, e, um dia que ali não fui, conheci um homem singular e de extraordinário talento literário.

Esse homem de aspecto resoluto e combativo, pequeno stick de cavalo marinho na mão, despreocupado de elegâncias no trajar, forte no falar e nas acções, beirão franco, mas absorvente, encantara-me ao ter a honra de o conhecer.

É que Aquilino Ribeiro, dominador no talento e no trato é, sob o seu aspecto duro, um conversador apreciabilissimo pelo espirito e pelos ensinamentos do seu falar autoritário mas amigável.

Um dia decretou um pic-nic, com pescaria às trutas nas terras altas de Soutosa, perto à sua casinha de campo, ninho de arte e cofre de franca hospitalidade beiroa, e porque eu tinha contido a minha surpresa por ter visto tabaco inglês e frascos e latas de caril, em grande abundância nas mostras da cidade, ordenou premtoriamente: e você faz o arroz de caril».

Fiquei perplexo!  
Eu, como bom alentejano, era capaz de fazer uma açorda de coentros a preceito e até, talvez uns ovos com linguiça, agora, arroz! E de caril!

Sabia lá como se cozinhava arroz: Não me valeu de nada, porém, tentar esquivar-me, porque Aquilino apolado convicta e sorridentemente por Gomes Mota e Pinto de Campos, decretou terminante e categorico:

«Não há que fugir amigo, você vai fazer o arroz de caril. Você, deve saber como é, senão não falava nisso e está dito!»

Tive que prometer que sim e nunca mais me lembrei de tal coisa.

Na véspera do pic-nic Gomes Mota lembrou o caril, e disse-me que ele levaria arroz, creio que carolino, e no outro dia, manhã cedinho, lá vou no seu carro em seguimento de outros, a caminho das águas frias dos riachos, onde se pesca a truta dourada que eu nunca tinha visto nem provado.

Eu, homem das vastas planícies alentejanas ia deslumbrado com as perspectivas imponentes daquelas serranias imensas, quando a caravana estacou: de pé, decidido, e firme, em cima dum pequeno talude, qual Viriato remoto, granítico mas animado, estava já Aquilino Ribeiro pronto a comandar com a sua voz forte e convicta, de dominador de gentes: era ali!

A pescaria, começou animada num riacho estreito onde se apanharam apenas umas trutas pequenas, lindas, mas inproveitáveis, e, pelas onze horas, fui intimado a ir a um casalinho, bem à vista, para a tarefa imposta, de fazer o malfadado arroz de caril!

Lá como ele se comia, sabia eu, mas cozinhá-lo? Na cozinha pequena e escura, havia já ao lume forte uma panela de ferro, de três pés, cheia de água a ferver!

Aquilino, tinha previsto tudo, como um bom general estratega.

Um garoto trazia os dois pacotes

de arroz e eu quiz deitá-lo, logo, na panela, quando de um grupo de quatro ou cinco mulheres, de trajos escuros, saíu um borborinho reprevedor, uma opposição tenaz e surpreendida.

«Não meu senhor», o arroz ainda, não foi lavado!

O meu espanto foi total. O quê? O arroz também se lavava?!

Não me convenci, e após uma discussão divertidá resolvi-me a ir a votos, e houve então uma maioria tremenda e sincera: as mulheres todas votaram de chofre contra a minha ignorância completa e desconfiada!

Lavaram então o arroz, que perante a minha surpresa interessada e curiosa, se fartou de deitar uma água leitosa e turva e só quando ele nadava em água límpida, a incomparável água da serra, é que o escorreram e vi o entregarem para a operação litúrgica de o lançar na água fervente da panela de ferro.

O sobrado, era escavado, rectangularmente, junto à lareira fazendo um escano de meio metro de altura e, foi com os pés em baixo, e sentado no sobrado, que aguardei a ordem da mais velha do grupo, para, cheio de dúvidas inquietas, deitar o saboroso caril para dentro do arroz.

Disseram-me, então, que se devia mexer com uma grande colher de pau, «para que se não pegasse» e eu já sufficientemente indusriado e satisfeito, dei uma gratificação às mulheres sorridentes e divertidas, passei-lhes procuração, e vim para a porta, aguardar o resultado de todo aquele mistério, enquanto admirava a paisagem fumando, regaladamente, um predilecto Gold-Flaque.

Não sei se aquilo tudo foi bem cozinhado como devia ser, mas ele ficou uma maravilha, por que à primeira investida, junto ao riacho, e à sombra fresca dos salgueiros, para onde foi conduzido num grande alguidar, desapareceu todo, perante a salva de palmas com que foi coroado o meu talento culinário!

A primeira pescaria não tinha rendido nada e por isso se resolveu comer do que havia: as bolas fartas e saborosas de presunto e bacalhau que tinham trazido dois advogados de Moimenta, antecipadamente convocados, e os outros acepipes adequados do simpático Pinto de Campos e Gomes Mota, regados por parte de meio cento de garrafas dos mais preciosos vinhos lisos que tenho provado.

Contaram-se histórias e anedotas de Coimbra, dominadas pelo brilho constante das interrupções certas de Aquilino. Pinto de Campos, muito gordo, não resistiu a uma soneca sobre o capim seco, e uma hora depois, fomos para outro sítio do riacho, onde então se pescaram umas dúzias de trutas maravilhosas, douradas, com as suas pintas castanho-avermelhadas e foi um verdadeiro juízo final: truta truta ali mesmo, truta comida ali, mesmo, também!

Que inigualável e delicado sabor! Verdadeira iguaria real!

Eu, comi quantas pude e toda a pescaria foi devorada pelos gastrónomos alegres e convictos que éramos todos nós.

Horas depois batíamos à porta de Aquilino onde apresentamos a nosos respetos a sua distintissima Esposa, filha de Bernardino Machado, na graciosa vivenda do grande escritor, onde um São Paulo façanhudo brilhava, apoiado no espadeirão da ordem, numa tábuia quinhentista duma pintura expressiva e vigorosa.

Regressámos já noite a Lisboa e eu hoje lembrando aquelas férias agradáveis e saudosas, sobreponho, as fases, na minha imaginação, às cores radosas de portentoso São Pedro de Grão Vasco, o dourado e as manchas castanho-avermelhadas das trutas saborosas, das águas frias, das serras imponentes da grandiosa Beira Alta, que Silva Gaio descreveu, onde pontifica, absorvente, dominadora e esplendente de talento e de espirito, a personalidade formidável e amiga do beirão preclaro, que é o escritor ilustre Aquilino Ribeiro.

SALINAS CABRAL



A mais rápida nadadora do mundo, Fitze Nelhausen, natural da Jutiândia, prepara-se para iniciar uma competição em Londres, ante a admiração das jovens nadadoras, que estudam os seus movimentos



# O COLISEU DOS RECREIOS

COMPLETOU HA LOUCO 56 ANOS DE EXISTÊNCIA E

## RICARDO COVÕES

CELEBROU AS SUAS BODAS DE PRATA COMO EMPRESÁRIO

**D**UAS datas festejou, há pouco, o Coliseu dos Recreios:—Os seus cinquenta e seis anos de existência e as bodas de ouro de Ricardo Covões, seu empresário. Mas festejou-as singelamente e generosamente, que Ricardo Covões não é dos que gostam de fazer grande alarido em redor da sua pessoa, mas não se dispensa de aproveitar todas as oportunidades para dar largas à grandeza do seu coração. Assim, os bilhetes foram distribuídos pelas crianças protegidas pelos jornais e os pequenos da Colónia Balnear de «O Século» tiveram as suas despesas desse dia pagas pelo ilustre empresário. Outros, fariam um banquete; Ricardo Covões limitou-se a um gesto generoso...

E, na altura em que o Coliseu celebra duas datas, que não é fácil separar, queremos dedicar algumas palavras à actividade excepcional desse homem que toda a Lisboa conhece, mas ao qual nem todos, talvez, tenham pensado um momento, o que lhe deve a cidade como orientador da sua maior casa de espectáculos.

Já ouvimos dizer que o Coliseu é

um monumento da cidade e em absoluto concordamos. Mas esse monumento poderia ser um atractivo apenas, sem vida, sem que a sua existência chegasse para animar a vida da capital, se lhe faltasse a orientação desse homem que vive para o Coliseu e não quer dar licença que ele deixe de nos apresentar qualquer artista de grande categoria que surja no Estrangeiro...

... ..

Difícilmente a qualificação de **dinâmico** assentará a qualquer homem melhor que a Ricardo Covões. E como coincidiu a sua excepcional actividade, como empresário, ser orientada por um raro sentido do gosto do público e das oportunidades, a sua acção pode e deve, sem favor, classificar-se de brilhante.

Mas sob outro prisma, de não menor interesse pode ser apreciada a acção de Ricardo Covões como empresário da nossa maior casa de espectáculos. E que muitas, inúmeras crianças

da capital não saberiam o que é a alegria dum espectáculo, se o Coliseu não lhes abrisse, generosamente, as portas.

... ..

grande casa de espectáculos entre os seus hábitos obrigatórios.

E há vinte e cinco que Ricardo Covões é o arrais da enorme embarcação, onde a cidade embarca para a Arte, para o Riso, para a Alegria—para a Vida!

... ..

Precurámos Ricardo Covões no seu escritório do Coliseu, para com ele trocarmos algumas palavras sobre as futuras actividades do Coliseu.

Escritório dum homem que, apesar do seu espírito moderno não esquece o passado, as paredes são folhas dum album de saudades:—Fotos do antigo empresário e seu grande amigo António Santos, recordações de festas, diplomas de sócio de mérito de inúmeras colectividades, a sua carta de deputado por Lisboa—um ror de papéis e de recordações...

Amável, como sempre, Ricardo Covões nada nos quiz dizer, porém, sobre a futura exploração do Coliseu.

—V. bem vê... Vivemos uma época incerta e só há que fazer o melhor que for possível...

—Fala-se numa grande Companhia portuguesa de revista...

E ele sorrindo:

—Não fale nisso, peço-lhe... Não há nada, nem sei nada, creia...

E ante o nosso pedido para a cedência de algumas fotos para publicação na nossa revista:

—As fotos estão às ordens... Mas o resto está dito no livro «Os 50 anos do Coliseu! Tudo dito, acredite!

E desse livro que vamos extrair as palavras que se seguem, para que, após estas breves palavras de justa homenagem a Ricardo Covões, homem que pode ser orgulho dum cidadão, este artigo acabe com um sorriso:

Há anos, nas termas de Caldelas, onde Ricardo Covões passava os poucos dias de descanso que podia ter anualmente, em busca de melhoras, tomava o fresco, depois do jantar, com outros hóspedes, no terraço do Hotel a que muito bem deram o nome de Bela Vista. Colocado num sítio alto da região, o panorama que dali se disfruta

é dos mais belos do nosso Minho, encantador e acariciador.

Era uma tarde quente de Agosto e os aquilistas deliciavam-se no terraço, admirando umas crianças desventoladas que brincavam e corriam à sua volta. Uma dessas crianças, talvez de uns cinco anos, ladina, esperta, viva, filha de gente abastada e habituada a brincar sem cuidados e com alegria, veio até Ricardo Covões e, colocando-lhe as mãos sobre os joelhos, disse-lhe, à queima-roupa:

—Ó Senhor Covões, faça lá uma habilidade, que me quero rir!

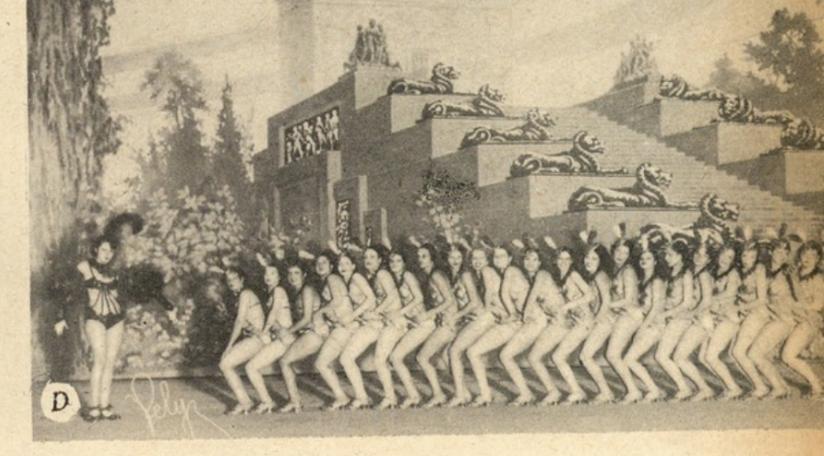
A mãe, que, a pouca distância, seguia o filho, ouvindo o que o menino acabava de dizer, admoestou-o, redarguindo logo o pequeno:

—Então, este senhor não é do Coliseu?

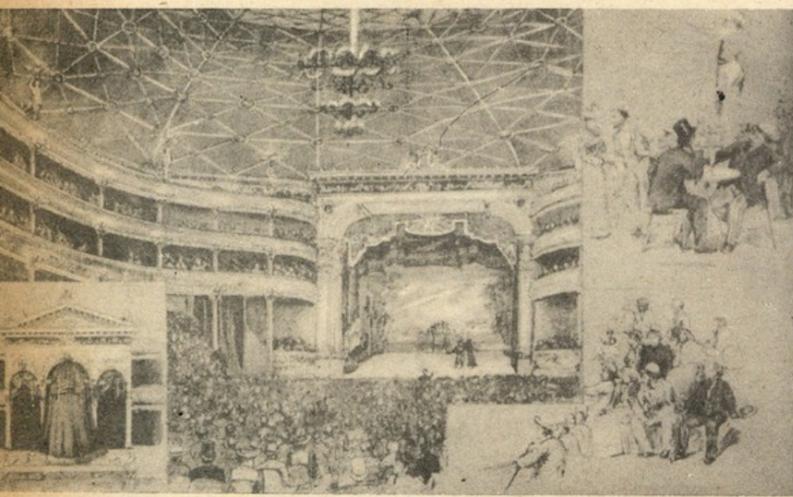
E Ricardo Covões conclui, sentenciosamente:

Realmente, a criança tinha razão. Nem oia poderá nunca pôr na sua ideia as habilidades e os equilíbrios que é preciso fazer para que o Coliseu funcione todos os dias...

A. N.



Vários géneros de espectáculos explorados no Coliseu, além da ópera, da opereta e cinema: (A) e (B) — Circo; (C) — Luta; (D) — Revista: «A Última Maravilha».



Reprodução duma página da revista ilustrada «O Ocidente», sobre a inauguração do Coliseu dos Recreios

O empresário do Coliseu com as crianças da Assistência Pública, que lhe prestaram homenagem

Nesta foto vêem-se o poeta Afonso Lopes Vieira, o Dr. Pereira Dias, director do Ensino de Belas Artes, o maestro Ruy Coelho e o empresário Ricardo Covões

Ricardo Covões no seu gabinete de trabalho

# NASCEU UMA REALIZADORA

Por FERNANDO FRAGOSO

COM «Três dias sem Deus», o cinema português acaba de viver mais uma jornada de esperança. Não só pelos incontestáveis méritos da obra, como ainda, e sobretudo, pelas perspectivas que abre, no que se refere à promessa de valores, capazes de renovar e enriquecer os quadros técnicos da cinematografia nacional.

A promessa n.º 1 é Bárbara Virgínia, na qualidade de directora de filmes. «Três dias sem Deus», embora longe de ser obra acabada, atesta e define um temperamento de artista. No balanço geral da produção, é este o resultado que avulta. Presença constante duma realizadora que supre a inexperiência profissional e o excesso de amadorismo, com os recursos duma sensibilidade artística apurada.

Bárbara Virgínia não escolheu o caminho mais fácil, para a sua prova de estreia. Enveredou por um tipo de filme que se presta ao cotejo com obras estrangeiras, duas das quais — «Rebecca» e «Jane Eyre» — acudiram, por vezes, à mente do espectador, em certos passos da história. A realizadora, porém, não se atemorizou. E venceu-as, quase sempre, com inteligência, servida por uma intuição invulgar para o cargo que pesava sobre os seus ombros. Há seqüências logradas, sob este aspecto, e não deixa de ser curioso notar que as melhores são justamente aquelas que mais dificuldades ofereciam. Boa sintoma, para trabalhos futuros. No dia em que Bárbara Virgínia tiver a seu lado técnicos experientes, susceptíveis de dar o rendimento que a simpática equipa de «Três dias sem Deus» nem sempre atingiu — nesse dia, Bárbara Virgínia poderá dar-nos a medida do seu talento. Este seu primeiro filme é, por isso, uma realidade, pelo que afirma — e uma esperança, pelo que nos deixa antever.

Mas não resta dúvida de que nasceu uma realizadora. E essa razão basta para assinalar com uma pedra branca a estreia da nova produção nacional!

\* \* \*

A história de «Três dias sem Deus», argumento de Faria da Fonseca, baseado no romance de Gentil Marques, «O Mundo Perdido», tem interesse — e está contada com bom sentido cinematográfico. A planificação de Raul Faria da Fonseca foi posteriormente alterada sem conhecimento do autor, que declarou, em anúncio publicado nos jornais, não poder, por tal motivo, assumir a responsabilidade da mesma. Tal facto levanta um problema, que trataremos proximamente. Queremos dizer, no entanto, que a despeito de certas lentidões, por um lado, e omissões por outro — mormente as que ajudariam a definir as figuras — a história decorre sem sobressaltos. Não se atingiu, é certo, a vibração dramática que algumas passagens requeriam, mas mesmo assim, o espectador segue com interesse e curiosidade o desenrolar do conflito. O desfecho pareceu-nos «fácil» e precipitado. Os autores não puderam ou não quiseram pôr à prova a sua imaginação, e contentaram-se com a cena do «vital quebrado» e com o abrir das portas da capela, para resolver os dois aspectos decisivos do conflito: a «loucura» de Isabel e o ódio da aldeia pelo solar dos Belfortes. O final foi, além disso, prolongado inutilmente. O filme deveria terminar com a cruz que se aproxima, enquanto se ouve o coral que simboliza, por assim dizer, a reconciliação dos espíritos e a paz que finalmente desceu sobre aqueles «três dias sem Deus».

\* \* \*

O filme de Bárbara Virgínia traz a primeiro plano outro nome: Tony. Fotógrafo profissional, especializado nos chamados «retratos de arte», assina pela primeira vez a fotografia dum filme. O seu trabalho é desigual. No dia em que estiver familiarizado com o estúdio, se quiser estudar e trabalhar, «Tony» poderá ser um elemento de valor, no número dos nossos profissionais. Tem planos admiráveis, com fotografia de grande classe. Mas «falhou» os «raccords» de iluminação. O que de bom há, no filme, é muitíssimo. E de tal maneira que o incitamos vivamente a perseverar. «Três dias sem Deus» não era uma prova fácil. As cenas de noite são quase sempre de boa categoria. E no dia em que dominando a técnica das imagens, conseguir «igualar» a fotografia, de maneira a não haver diferenças de «densidade» e de «estilo», dentro das mesmas seqüências — Tony terá um lugar assegurado entre os nossos profissionais da imagem.

Em matéria de cenários e decorações — a escola pareceu-nos demasiado acanhada, ainda que haja escolas muito piores por essa província fora — e, na residência dos Belfortes, a casa de jantar está absolutamente fora do ambiente das outras salas. Não tem nem a grandeza, nem a fria austeridade das outras quadras. E, no entanto, devemos reconhecer que em certas dependências da solitária moradia do monte, os autores encontraram o cenário requerido.

\* \* \*

No capítulo de interpretação, «Três dias sem Deus» continua a acusar a lentidão dos nossos intérpretes. Enquanto os americanos, por exemplo, são autênticas metralhadoras vocais, os nossos artistas, dum modo geral, parecem sofrer de falta de ar, e falam, como se estivessem no estertor, com suspensões de tantas em tantas palavras. Em «Três dias sem Deus», o defeito aparece com frequência. Daí o agrastamento da sensação de lentidão que o filme acusa, por vezes.

Bárbara Virgínia é melhor realizadora que intérprete. Simpática, insinuante, de

(Continua na página 11)

Uma mulher? Uma boneca? Uma figurinha de Saxe?... Sim! Tudo isto — e uma sombrinha rendada também. Helen O'Hara sabe que o nu, sugerido, é mais perturbador do que o nu revelado. Daí, a ideia de se fotografar nesta atitude. O que pensam os senhores?

## AMÁLIA RODRIGUES

### VEDETA DE CINEMA EM «CAPAS NEGRAS»

ARMANDO Miranda, depois de «O José do Telhado», resolveu enfrentar aquilo que tem sido o problema e sonho de muitos dos nossos realizadores — o filme sobre Coimbra.

«Capas Negras» — assim se intitula a nova produção, que se encontra na fase final dos seus trabalhos — revive o ambiente pitoresco e romântico da Coimbra doutora, com a boémia, a tradição e a praxe académicas, as negras capas dos estudantes, o Choupal, as tricanas, as guitarras e as serenatas nas ruas adormecidas da cidade velha.

Armando Miranda não se intimidou com as responsabilidades do tema. Conseguiu até — o que muitos outros não chegaram a alcançar. A colaboração de elementos preponderantes da Academia, para facilitar os trabalhos de filmagem.

A roda deste filme é grande a expectativa. Não só pelo tema, tão profundamente português, como ainda pela circunstância de irmos assistir à estreia de Amália Rodrigues como vedeta de cinema, ao lado de outros elementos valiosos, como Alberto Ribeiro, Artur Agostinho, etc.

Damos hoje duas imagens do filme, que lhes estimularão, por certo, o desejo de o ver bem depressa. Venham as «Capas Negras» — pois estamos ansiosos, como «amalistas» furiosos, por assistir à consagração da vedeta como artista de cinema!





Num intervalo de filmagens de «Mr. Verdoux», Charlie Chaplin deixa-se fotografar ao lado de sua mulher, Oona O'Neill, filha do célebre dramaturgo Eugène O'Neill, o autor de «Morning becomes Electric».

## O NOVO FILME DE CHARLOT MR. VERDOUX

BASEADO NA VIDA DE LANDRU ESTÁ QUÁSI TERMINADO

O filme de Charlie Chaplin inspirado na vida de Landru, e que primitivamente se chamou «A Comedy of Murder», encontra-se a mais de metade do seu termo. Faltam, quando muito, sete ou oito semanas de trabalho.

Começam agora a conhecer-se alguns pormenores sobre o filme — muito embora Chaplin haja rodeado as filmagens do segredo costumado.

Em primeiro lugar, devemos dizer que o filme mudou de nome. Passou a chamar-se «Monsieur Verdoux», nome do protagonista, inspirado por Landru, e que Chaplin interpreta. O actor é Chaplin — e não Charlot. Com efeito, adeus bengala, botas cambadas, côco e bigodinho pre-hitleriano! Muito embora não apareça com a barba de Landru, Chaplin surgirá como um elegante francês de há vinte e cinco anos, com os seus bigodes de longas guilas...

O mais curioso é que o filme não terá um tom cómico. Será, acima de tudo, um melodrama sério. Com o seu aspecto satírico, claro está. Porque Mr. Verdoux, antes de ser guilhotinado, pronunciará um discurso irónico e terrível contra a imoralidade daqueles que se armaram em justiceiros, na sociedade contemporânea. Pela primeira vez, de há vinte e cinco anos para cá — desde que produziu a «Opinião Pública» — Chaplin renuncia à predominância do elemento cómico.

Parece ter sido Orson Welles quem sugeriu o tema a Charlie Chaplin. Ou, pelo menos, quem

o convenceu a filmá-lo. Chaplin tentou ainda assegurar a colaboração do cineasta de «O Mundo a seus pés». Mas o acaso fez com que Welles não pudesse aceitar o encargo. E foi pena. Porque se a colaboração não se malograsse, por excesso de personalidade de parte a parte, haveria de trazer, certamente, resultados surpreendentes.

Chaplin acabou por associar à sua equipa Robert Florey, um francês que, muito embora se encontra há muitos anos na América, lhe foi certamente muito útil, no que se refere à super-visão do ambiente da França do pós-guerra. Charlie, apesar de tudo, não se prendeu demasiadamente com a verdade dos factos. E, assim, a execução foi feita «à americana». O cada-falso ergue-se numa praça pública, como nos tempos da Revolução, e Mr. Verdoux dirige-se, do alto, à multidão, num longo discurso, que lembra o final de «O Ditador».

Sob o ponto de vista técnico, «Monsieur Verdoux» rompe, nitidamente, com os antigos processos de Chaplin. Desta vez não se limitará à primitiva técnica do mudo. Haverá «travellings» panorâmicas e efeitos de luz. A câmara actua, aliás, o célebre Curt Courant, que filmou «La Bête Humaine», e que tem tido as maiores dificuldades de trabalho na América, pela luta movida pelo Sindicato dos Operadores, que lhe não permitiram, inclusivamente, que assinasse a fotografia de «Te Sin of Harold Diddlebock», o último filme de Harold.

# 5 COMENTÁRIOS POR SEMANA

Por MANUEL PEDRO

**1** Ali a Palhavã, no Jardim Zoológico, existe um cemitério para animais que define, expressivamente, quanto a piedade dos homens gosta de ser exibida.

É a última morada dessa dinastia de animais luxuosos, que andaram, quando vivos, de coleira ao pescoço, agasalhados como as pessoas, dormindo as sextas no ripanço de sofás fôfos e apetecíveis, e que foram para os donos, cheios de ternura, o enlevo e o entretenimento dos ócios, gozados à sombra da fortuna. Essa gente trata melhor os animais que as pessoas. Há cães, cãesinhos, felpudos, endiabrados, que mastigam, à mesa, nacos de fiambre, enquanto na cozinha as criadas assam, nas brasas, sardinhas reimosas.

Quando se constipam ou andam murchos, correm, apressados, à Policlínica veterinária, não vá o pobre do animal esticar sem assistência médica.

Todavia, nas ruas, nos portais, nas vielas de Lisboa há crianças que nunca tiveram a protecção generosa dum cavalheiro que protege cães.

E o cúmulo, senhores, está ali naquele cemitério onde, entre crisântemos e flores caras, jazem os ossos dos animais com dedicatórias que revelam aquela doentia piedade exibida com estranho desprezo pelo homem: «Ao meu querido Lulu, a sua dona eternamente saudosa».

Francamente, é preciso que todos se lembrem que nem sempre o homem tem um palmo de terra para descansar os ossos (se não pagarem os emolumentos que manda a lei), e que é ridículo dar a um cão um jazigo de mármore.

**2** Veio, há dias, nos jornais, uma notícia onde se pedia, como sempre, à alma caridosa que tivesse encontrado um envelope com dinheiro, o especial favor de o entregar em determinado sítio, pois a quantia em questão era todo o salário dum pobre chefe de família. A gatunagem anda, novamente, desenfreada. Nas plataformas dos eléctricos instalaram o seu campo de manobras, e, pelos vistos, colhem grosso proveito. Aos sábados, sobretudo, dia de fêria, surripiam tudo. Pobres costureiras que levaram uma semana inteira a trabalhar, gente das oficinas, trabalhadores, enfim, têm sido às dezenas e dezenas que ficam sem o dinheiro.

Evidentemente que, chorosos ou indignados, se vão queixar à esquadra, mas o resultado não se vê. A polícia devia pôr cobro a essa gentilha vadia que vive do alheio. Quando os prendem, eles já sabem que fogem, mais dia menos dia, ou que saem cumprida uma pena ligeira. Parece, na verdade, que roubar um porta-moedas não tem importância alguma. São incidentes, coisas ligeiras. Este pobre chefe de família que, decerto, foi roubado, ficou sem o ordenado todo.

**3** Os «dancings» de Lisboa, agora que o Verão está a terminar, preparam-se afanosamente para reabrir as douradas portas, onde cabe toda a sorte de misérias. Fala-se já em grandes orquestras estrangeiras, em atracções e bailarinas mais ou menos espanholas ou importadas ali do Conde Redondo, com castanholas e «salero». Evidentemente que os «dancings» não se fizeram para dançar — mas para beber. Há sempre um grupo alegre de assíduos rapazolas endividados, com cautelosas de prego no bolso, que gostam de ostentar o fausto que o penhorista lhes emprestou ao mês, com juro da lei. Outros são empregadotes sem categoria, bem vestidos a prestações, valdosos e tolos, anémicos e derreados, que mal sabendo ler usam cartões de bacharel.

No fundo, tudo aquilo, quando se começa a dançar, cheira a pó de arroz avulso, de drogaria, e a suor que não conhece banheira.

Bebem «whisky», pedem champanhe, fumam cigarros caros, e, no outro dia, vão a pé para o emprego, sem dinheiro para o eléctrico.

**4** Vai começar o campeonato. Podemos, pois, estar descansados. Durante seis meses o futebol irá preocupar o povo.

Ainda bem. Devia publicar-se uma lei tornando obrigatório toda a gente a ter em dia a sua filiação clubista. Não faz sentido que muitos não queiram saber desses encontros decisivos que podem vencer um campeonato.

Depois, o futebol só aos domingos é pouco — pelo menos mais um dia, às quintas-feiras, e, uma vez por outra, de noite, como as touradas. Dava-se, assim, satisfação ao público que gosta, caramba, de berrar. O desporto anima, dá satisfação. Vale mais um «corner» bem marcado que toda a literatura, com Bernardes e Vieira, que nunca souberam «chutar» às rédes. Venha o futebol!

Bola ao centro, pronto, aí está o povo a gritar!

**5** Ninguém sabe, ao certo, se o cinema nacional é uma arte ou uma técnica. Leitão de Barros disse que o cinema era a técnica colectiva, isto é: aproveitamento, em arte, de todas as manifestações artísticas, desde a arquitectura à música.

E comparou — e muito bem — o cinema à música gravada, que nada nos dá como espírito criador, mas sim como reprodutora de determinados momentos musicais.

É um facto que o nosso cinema tem progredido. Mas ainda não passou, pela indiferença do público, da craveira dos filmes mediocres ou toleráveis.

Tratando-se, como se sabe, de cinema nacional, há sempre uns «meninos de cabelos compridos» e umas «meninas de cabelos curtos» que encolhem os ombros e dizem, desdenhosas:

— Vê-se. É engraçado!

E chega. Coitados destes críticos de trazer por casa, sem cabeça para pensar e com cabelos unicamente para o ferro de ondular!

### UMA GOTTA DE «HERPÉTOL»

E O DESEJO DE COÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO É DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALÍVIO COMEÇA.

## «HERPÉTOL»

É UM MEDICAMENTO SÉRIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMA (HUMIDO OU SECO), CROSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDÊNCIAS NA PELE, ETC. ATE HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR



À venda em todas as farmácias e drogas

Preço avulso: 11\$00

**MEDICINAL**  
**PASTA COUTO**  
**TRATA**  
*gengivas descarnadas*  
*ou sangrentas*  
**EVITA**  
*estomatites mercuriais*  
*ou birmuticas*  
**MATA**  
*os microbios da boca,*  
*que dão causa a tantas*  
*doenças graves.*

Medicinal pequena — tubo 11\$00  
 Medicinal grande — tubo 17\$50  
 Vulgar pequena — tubo 4\$00  
 Vulgar grande — tubo 7\$00



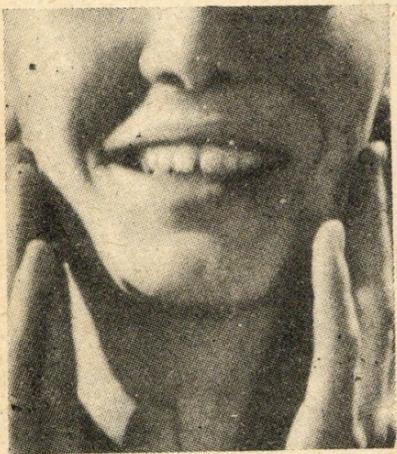
**À VENDA EM TODA A PARTE**  
 Caixa pequena..... 3\$00  
 Caixa grande..... 8\$00  
 Dep.º: **COUTO, L. da — Porto**  
 L. S. Domingos, 108

**É UM PRAZER BARBEAR-SE**

com



O creme dos grandes desportistas



COM «LEA» É UM PRAZER BARBEAR-SE  
 COM «LEA» A LAMINA DURA MAIS  
 COM «LEA» A PELL FICA MACIA  
 USANDO «LEA» NÃO HÁ BARBA DIFÍCIL

**"55" &**  
**Batón**  
**da Moda**  
 não tem rival

**TRÊS VERDADEIRAS**

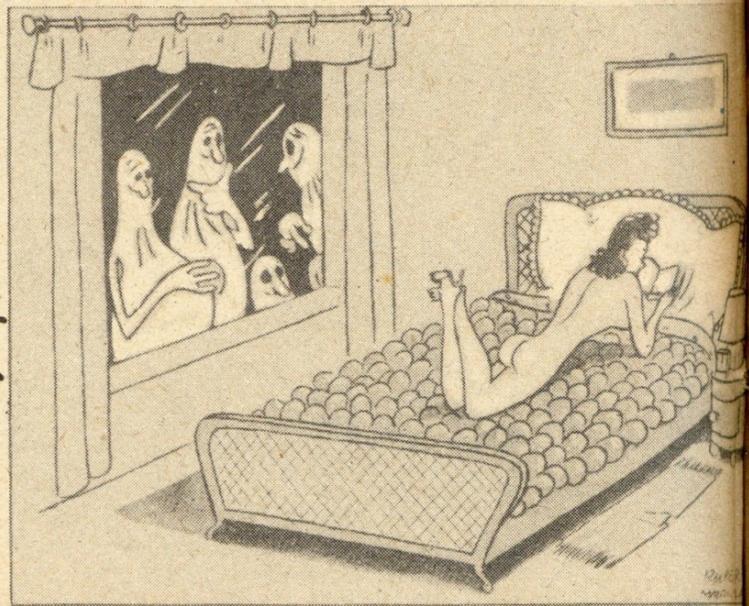
Contaram a um amigo nosso que na Exposição de Filadélfia havia um aparelho, movido a electricidade, que nos des-perta, serve o pequeno almoço e põe-nos a roupa em cima da cama.  
 E ele afirmou:  
 — Mas eu tenho um aparelho desses!  
 — Tu?!  
 — Sim! É minha mulher!

\*  
 Perguntaram um dia a Muñoz Seca se achava que a muita produção podia prejudicar a qualidade da obra dum escritor. E ele respondeu com outra pergunta:  
 — Você acha que a água dum fonte é mais pura no Verão, quando corre menos?

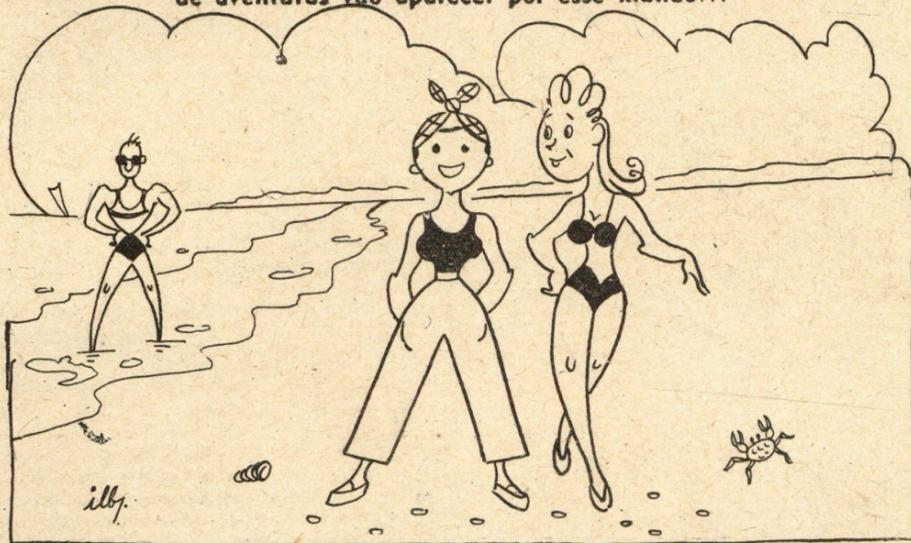
\*  
 Falava-se, num grupo de jornalistas, nos versos dum certo poeta, e um dos presentes comentou:  
 — Eu acho que nos versos dele há pouco fogo!  
 E logo, do lado, afirmaram:  
 — Pois eu acho o contrário!  
 — Como?  
 — Sim... Acho que no fogo há poucos versos dele...

**BREJEIRICE DE FANTASMAS**

— Então, que lhes disse eu? Não valeu a pena a viagem do outro mundo até aqui?



Treze artistas americanos desempregados criaram um teatro ambulante com o título de «Teatro de Aventuras». Se a moda pega, muitos teatros de aventuras vão aparecer por esse mundo...



— É um assombro, aquele rapaz! Dança maravilhosamente, pratica todos os desportos, e dizem que vai fazer o galã dum filme!  
 — É inteligente?  
 — Para quê?!



O Zoo de Brookfield adquiriu uma magnífica giboia... E estão a medi-la, a ver se vale os 150 dólares pedidos ou se tal preço é excessivo e o terrível «mercado negro» já se dedica às giboias...

**POUCAS PALAVRAS**

Sempre que é preciso fazer uma barbaridade, consultam-se os sábios...

\* \* \*

São menos os que devem a vida ao médico que os que devem os remédios ao farmacêutico...

\* \* \*

A mais carinhosa demonstração de amor pela música que algumas cantodas podiam ter — era não cantarem!...

\* \* \*

— Faz as coisas com cabeça! — recomendava sempre ao filho o pai dum amigo meu.

E o filho dedicou-se a fabricar fósforos...

\* \* \*

Só há uma coisa mais ridícula que os chapéus femininos da época passada: — os desta época!

\* \* \*

Muitos homens precisam de ler os jornais para saber que opinião têm...

\* \* \*

Aparece sempre quem nos queira tirar do caminho as pedras pequeninas, para que nos não incomodem... E, depois, põem das grandes...

**MEIAS • LUVAS**  
**ROSTIGER**  
 R DA ASSUNCAO 71 LISBOA  
 LOJA E 1º ANDAR

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

A SÉRIE DOS COMUNICADOS

Em 5 de Dezembro o comunicado alemão desvendava o mistério do que estava a passar-se na frente leste, ao aludir abertamente a «contra-ataques soviéticos» que tinham sido repellidos com êxito. Em 6, a confissão da existência e da extensão desses contra-ataques era absolutamente feita pelo comunicado alemão: «Em muitos pontos da frente leste o inimigo tentou vários contra-ataques, os quais foram inutilizados». Era o sinal do colapso eminente da ofensiva alemã. Em 7, nem uma palavra sobre as operações. E, finalmente, a 8, a declaração irrefutável do malogro do ataque contra a capital da U.R.S.S.: «Na frente leste estão agora a desenvolver-se operações de carácter puramente local. De futuro o desenvolvimento dessas operações fica condicionado pelas condições do inverno russo». Não eram as condições do inverno russo que passaram a condicionar o desenvolvimento das operações. Era o êxito da contra-offensiva soviética que aniquilara o golpe da Wehrmacht.

O Alto Comando alemão admitia francamente a hipótese de não chegar a ser tomada a cidade. De facto, era o grupo de exércitos alemães de von Bock que se encontrava em franca retirada. Em quarenta e oito horas todo o cenário da batalha se modificara com uma rapidez que tinha qualquer coisa de teatral. O plano de guerra preparado, em todos os seus pormenores, pelo Alto Comando alemão, fôra destruído. Era perante uma situação inteiramente nova que a Wehrmacht se encontrava. Para fazer face a essa situação era indispensável preparar

## CAPÍTULO XXXII

### O PRIMEIRO INVERNO NA RÚSSIA

novos planos e adoptar novos métodos.

Mas, ao contrário do que acontecera no Marne, a Wehrmacht, que sucedera à Reichswehr de 1914, pagara na carta de Moscovo a melhor parte das suas reais possibilidades defensivas, sacrificara na luta a fibra do seu poder de ataque, lançara na fogueira as últimas probabilidades de derrotar os exércitos soviéticos. Não era apenas a sua retirada de Moscovo que aparecia mais profunda do que a retirada de Paris. Era o valor militar da máquina de agressão pacientemente preparada em Berlim que saía incomparavelmente mais diminuído e enfraquecido. O Marne revelara a impossibilidade de tomar Paris. A batalha de Moscovo revelava a impossibilidade de os alemães ganharem a campanha da Rússia. A diferença era fundamental.

O termo da batalha de Moscovo não significou, de maneira nenhuma, uma pausa nas hostilidades a leste. Pelo contrário, a violência da luta recrudescera, e esta passou a desenvolver-se em condições inteiramente diferentes daquelas que se tinham verificado durante a ofensiva alemã de Verão e do Outono. Embora de relativa importância, o aspecto dos ganhos e das perdas territoriais realizados por cada um dos combatentes passou para segundo plano. Do

estudo das operações e da sua marcha resultava uma conclusão de ordem estratégica fundamental. Pela primeira vez desde o início da guerra a Wehrmacht encontrava um adversário à altura da sua capacidade combativa, capaz de se medir com ela na defensiva como na ofensiva.

Esta conclusão não foi imediatamente tirada em toda a parte. A crença na superioridade da máquina militar alemã continuava profundamente enraizada em muitos meios, e sobretudo naqueles que confundiam as suas preocupações ideológicas com as realidades militares incontestáveis, e não recolhiam os ensinamentos da campanha da Rússia sem misturarem com eles as suas preferências de ordem sentimental ou política.

Nos países anglo-saxónicos houve, mesmo depois de Rostov e Moscovo, uma tendência manifesta para não tomar na devida conta o significado profundo que sob o ponto de vista estratégico tinham os acontecimentos da frente leste. Só depois de Estalinegrado, um ano mais tarde, essa concepção se modificou. Mas nessa altura, em consequência dos erros de visão cometidos no plano militar já se tinham praticado várias faltas, cujas consequências estão agora a ser sentidas pelos países interessados. Os princípios fundamentais da lição de Estalinegrado estavam implícitos na lição de Moscovo. O facto de não terem sido oportunamente compreendidos deu origem a equívocos que só mais tarde se tornaram patentes, e cuja importância avulta na construção da paz.

#### CINCO MESES DE INVERNO

A primeira campanha de inverno na Rússia prolongou-se durante cinco meses, desde o contra-ataque russo de Rostov em Dezembro de 1941, até ao contra-ataque alemão de Karkov, em Maio de 1942. O seu cenário foi o sector central da frente leste. Desses cinco meses, três meses e meio foram de operações activamente conduzidas por parte dos exércitos soviéticos, estando os alemães remetidos a uma defensiva sistemática e exaustiva. Procuraremos descrever as linhas gerais dessa campanha definindo as suas características estratégicas e acentuando a originalidade da sua evolução.

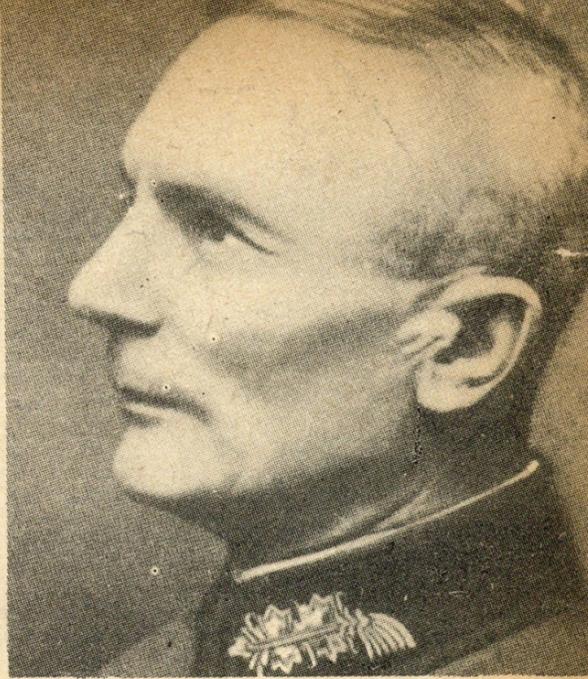
Para o espectador atento dos acontecimentos militares nada mais estranho e digno de registo do que uma defensiva alemã prolongada durante cinco meses. A Wehrmacht era um instrumento criado para a ofensiva ilimitada. Todas as suas concepções e toda a doutrinação dos seus chefes se orientavam no sentido da ofensiva. Num dos seus livros mais famosos, Hermann Roushning, o mais implacável e o mais lúcido crítico da filosofia nazi e das doutrinas do Estado Maior alemão, afirma com fundamento, que a doutrina da dominação mundial, que constituía o fundamento da primeira, orientavam as segundas na direcção das ambições sem freio. De facto, para dominar o mundo era preciso primeiro conquistá-lo.

Um corolário lógico a tirar da defensiva alemã prolongada durante um período de tempo tão longo era que essa defensiva não era, de maneira nenhuma, voluntária. Resultava de uma imposição da vontade do inimigo, que estava no poder dos alemães contrariar. No plano psicológico verificava-se assim uma revolução nos conceitos assentes como definitivos em todo o mundo depois das grandes vitórias alemãs de 1939, 1940 e 1941. A vontade do Alto Comando soviético impusera-se à vontade do Alto Comando alemão. A capacidade de iniciativa fôra assim arrebatada a este último. Poderia ele voltar a reavê-la? E nesse caso em que condições?

#### AS FLUTUAÇÕES TERRITORIAIS

Sob o ponto de vista das aquisições territoriais dos beligerantes verificava-se que no final da fase mais intensa da primeira campanha de inverno na Rússia (Dezembro-Fevebreiro), a linha da frente coincidia sensivelmente com o traçado da frente que se verificava em Julho e Agosto de 1941, êxito na altura em que a ofensiva de Verão alemã atingira o seu ponto mais avançado. Isto equivalia a dizer que os ganhos territoriais realizados pelos russos durante a primeira campanha de inverno anulavam aqueles que os alemães tinham feito para darem a batalha de Moscovo entre Agosto e Dezembro. Este resultado não era, certamente, para desprezar no conjunto dos factores favoráveis que o Alto Comando soviético podia invocar para justificar os sacrifícios de toda a ordem que exigira ao povo russo durante a fase crucial da luta para a defesa do território nacional.

Essa linha corria aproximadamente



Marechal FEDOR VON BOCK, que comandou os alemães na batalha de Moscovo

entre o lago Ilmen e Bryansk, desenhando uma vasta curva que desafiava largamente Moscovo, tornando vãs todas as esperanças de um novo ataque coroado de êxito contra a capital soviética. Isso significava que durante os cinco meses em que se restabeleceu o traçado da linha que praticamente significava a libertação definitiva de Moscovo, a guerra de movimento grata às concepções e ao temperamento dos chefes militares alemães teve de ser completamente abandonada.

Quando no Verão de 1942 foi possível fazê-la reviver, os objectivos e os planos do Alto Comando alemão tinham-se modificado por completo. A campanha no sector sul em direcção ao Cáucaso e ao Volga era já uma campanha de significação e ambições locais em que não procurava atingir a capacidade militar da U.R.S.S. no seu coração. Era para empregarmos o estilo alemão numa campanha sucedânea, que quando muito podia conduzir a Rússia a uma paz de composição. A vontade de aniquilar o país e o seu regime tinha-se esgotado durante o golpe gigantesco e malogrado contra Moscovo.

#### OS RECURSOS E AS POSSIBILIDADES DOS SOVIETES

Quando no fim da campanha de inverno de 1941-42 na frente leste se comparavam a posição, a situação e a força relativas dos dois beligerantes impunham-se várias conclusões que nem sempre foram tiradas com a isenção necessária para raciocinar com clareza sobre as consequências inevitáveis que implicava a condução das operações na guerra germano-russa. Já dissemos que resultara desse facto graves erros de apreciação que se reflectiram em consequências militares e sobretudo em consequências políticas da maior importância.

A primeira dessas conclusões era que o exército alemão saía da provação mais enfraquecido do que nunca, enquanto todos os sinais do robustecimento do potencial ofensivo do exército se tornavam evidentes e se multiplicavam. O inverno por um lado, com os seus efeitos depressivos, e a baixa provocada no moral dos combatentes alemães por virtude do malogro da ofensiva em que tinham depositado todas as suas esperanças, eram factores fundamentais que passaram a condicionar, ao contrário do que acontecera até essa altura, o desenvolvimento da luta a leste.

(Continua)

*Era inevitável...*

SEM a possibilidade de vêr a pele, sob montanhas de espuma, a mais pequena "espinha" pode ocasionar lamentáveis acidentes. Rasosan, o novo processo de barbear, evitar-lhe-á estes acidentes.

# RASOSAN

GARANTE BARBA FEITA E CARA SA

Distribuidores Gerais: ANTÓNIO FERREIRA PINTO, LDA.  
123, Rua dos Correios — LISBOA 70, Rua da Ponte Nova — PORTO

#### SUAVE MAS FIRME

Assim é a acção do LAXOBAC, o novo laxante. Muito recomendável nos casos de prisão de ventre obstinada e nos de evacuações irregulares. Quem não pode tomar purgantes, encontra no «Laxobac» um remédio agradável, sabendo apenas a óptimo chocolate.

«Laxobac» acaba com a prisão de ventre e é ideal tanto para os adultos como para as crianças.

#### LAXOBAC

Em todas as farmácias a Escudos 5\$50 e 12\$00 cada caixa. Lembre-se do nome.

# A TRAGÉDIA DUMA DONA DE CASA

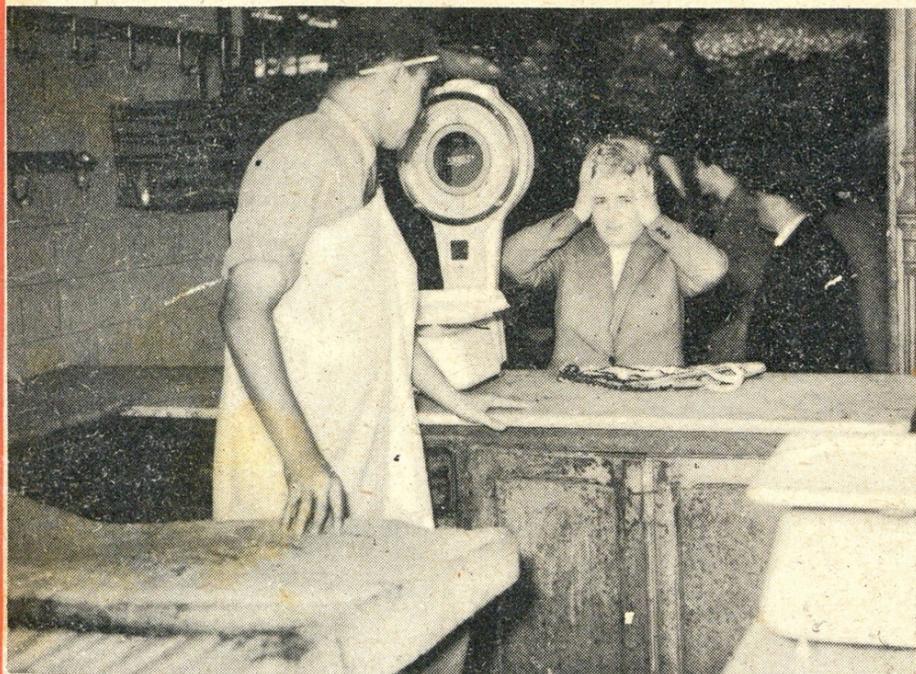
Interpretação de LUÍSA DURÃO  
Fotografia de ARMANDO SERODIO

O marido tinha-lhe dito: — Vê se não gastas hoje, na Praça da Figueira, mais de trinta ou quarenta escudos! É preciso fazermos economias, a ver se o ordenado chega, pelo menos até ao dia dez...

E depois de ele lhe pedir para arranjar um bifezinho para o almoço e de lhe lembrar que há muito tempo não comia uma postinha de pescada cozida com batatas ao jantar, ela saiu, absolutamente disposta a fazer-lhe a vontade...



Foi à vendeira de «criação» e ela pediu-lhe sessenta escudos por um esqueleto de galinha!



Começou pelo talho — e estava «limpinho»!



Foi ver se comprava fruta, e os pêsegos eram a vinte e quatro escudos a dúzia, e as peras, quase invisíveis, a catorze...



Foi ao lugar do peixe e, em vez da pescada apetecida, só havia sardas salgadas! E, como o marido é doente — não comprou!



E acabou, de facto, por não gastar muito dinheiro, conforme o marido queria, porque regressou a casa com uma couvezinha e uma alface!...  
Ai! Muito custa ser dona de casa!

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO ~ EDITOR: PEDROSA MARTINS  
PROPRIEDADE DE: 'VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA'  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TELEFONE 2 5844  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMAOS), LIMITADA  
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA